

R70

STELLA

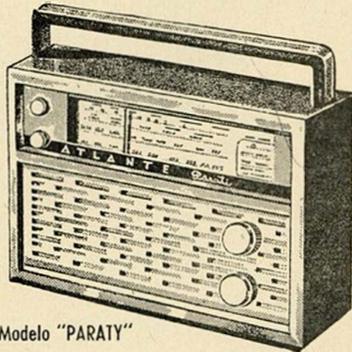


358
JUNHO
1967



UMA MARCA DE CONFIANÇA

Apresenta :



Modelo "PARATY"

- Esmerada apresentação
- Linhas modernísimas
- Recepção fácil em qualquer parte
- Características técnicas de 1.ª ordem
- Ondas curtas, médias, marítimas e longas
- Sonoridade incomparável, potência e nitidez
- Usa 5 pilhas de tipo vulgar
- Pode adaptar-se a corrente alternada
- Dimensões reduzidas, tamanho ideal

Eis o que vos oferece o Modelo «PARATI», portátil, agora posto à venda

Ao preço excepcional de 1.690\$00!

AGENTES GERAIS

Electrónica, Lda

R. SANTO ANTÓNIO, 71-TELEF. 25800-PORTO

CAMIONAGEM

CLARAS

Torres Novas

AS MELHORES CARREIRAS PARA

FÁTIMA

★

DE TORRES NOVAS • ABRANTES
LISBOA • SANTARÉM • TOMAR
LEIRIA • ENTRONCAMENTO • ETC.

★

PEÇA HORÁRIOS

Telegramas JOÃO CLARA
telefone 22003 TORRES NOVAS

STELLA

Revista de Fátima

MENSAL

N.º 358 — JUNHO — 1967

Sumário

Sinal Grandioso	Pág. 3
Fátima, Mensagem de Oração — Joaquim Maria Alonso C. M. F.	» 5
O recado foi para nós — Maria Carlota M. de Mello	» 8
Mês de Junho — Maria de Carvalho	» 9
Credo — Ilda Corrêa Leite	» 9
Fome no Mundo — Dr.ª Maria Filomena Benito	» 10 e 11
Faúlhas de toda a parte — Clarisse Lopo de Miranda	» 12
Peregrinos — Maria de Melo	» 13
Fátima, Esperança do Mundo — P.º Silva Bello S. J.	» 14 e 15
Notícias de Fátima	» 16 e 17
Mocidade em Fátima	» 18 e 19
Ano da Fé — S. B.	» 20
Dois Cinquentenários «FÁTIMA E LEIRIA»	» 21
O Talismã dos Guernis — Jean Manclere	» 22
Modas — Dr.ª Delmira Maçãs	» 23
Saudades de Fátima — Plácido Nobre ...	» 24
Verão	» 26

NA CAPA: — O Santo Padre colocando o Terço na Imagem de Nossa Senhora.

★

Pode imprimir-se.

Leiria, 26 de Junho de 1967.

† JOÃO, Bispo de Leiria.

★

CONDIÇÕES DE ASSINATURA (Pagamento adiantado)

Avulso 3 meses 6 meses Um ano

PORTUGAL Continental, Insular e Ultramarino	3\$00	9\$00	16\$00	30\$00
BRASIL e Estrangeiro	—	—	22\$00	40\$00
Para mudança de direcção enviar			1\$50	

★

Direcção e Propriedade: RELIGIOSAS REPARADORAS DE N.ª S.ª DAS DORES DE FÁTIMA

Redacção e Administração: FÁTIMA — Portugal

TELEFONE 47113

★

Composta e Impressa na Neogravura, Lda. — Lisboa



Sinal

GRANDIOSO...

O sinal grandioso que o apóstolo S. João viu no céu: «uma Mulher revestida com o sol» (cf. Apoc. 12/1), não sem fundamento o interpreta a sagrada Liturgia (1) como referindo-se à Santíssima Virgem Maria, Mãe de todos os homens pela graça de Cristo Redentor.

Está ainda viva, Veneráveis Irmãos, no Nosso ânimo a recordação da grande emoção sentida ao proclamar a augusta Mãe de Deus como Mãe espiritual da Igreja, e portanto de todos os fiéis e dos sagrados Pastores, a coroar a terceira sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II, após ter solenemente promulgado a Constituição dogmática *Lumen Gentium* (2). Grande foi também a exultação quer de muitíssimos Padres Conciliares, quer dos fiéis presentes ao sagrado rito na basílica de S. Pedro e de todo o povo cristão espalhado pelo mundo. Espontânea tornou então à mente de muitos a recordação do primeiro grandioso triunfo alcançado pela humilde *Serva do Senhor* (cf. Luc. 1/38) quando os Padres do Oriente e do Ocidente, reunidos em Concílio Ecumênico em Efeso, no ano de 431, saudaram Maria como *Theotokos*: Mãe de Deus. A exultação dos Padres associou-se com jubiloso ímpeto de fé à população cristã da ilustre cidade, que os acompanhou com archotes às suas residências. Oh! com que maternal complacência, naquela hora gloriosa para a história da Igreja, a Virgem Maria terá observado Pastores e fiéis, reconhecendo nos hinos de louvor que se elevavam em honra principalmente do Filho, e depois em sua honra o eco do cântico profético que

(Continua na página seguinte)



No dia da sua partida para Fátima, o Santo Padre, como havia anunciado, publicou a exortação pastoral «*Signum Magnum*», dirigida ao Episcopado de todo o Mundo e consagrada ao culto da Virgem Maria, Mãe da Igreja e modelo de todas as virtudes.

Ela própria, por impulso do Espírito Santo, tinha elevado ao Altíssimo: **enaltece a minha alma ao Senhor... porque olhou para a humilde condição da sua Serva. De facto, desde agora me hão-de chamar ditosa todas as gerações, porque me fez grandes coisas o Onnipotente.** (Luc. 1/46, 48-49).

Aproveitando a ocasião das cerimónias religiosas que têm lugar nestes dias em Fátima, Portugal, em honra da Virgem Mãe de Deus, onde Ela é venerada por numerosas multidões de fiéis pelo seu **Coração maternal e compassivo** (3), Nós desejamos mais uma vez chamar a atenção de todos os filhos da Igreja para o inseparável nexó tão amplamente ilustrado na Constituição dogmática **Lumen gentium** (4), para com Ela, como Mãe da Igreja, existente entre a maternidade espiritual de Maria e os deveres dos homens remidos.

Uma vez admitido, com efeito, perante os numerosos testemunhos oferecidos pelos Textos Sagrados e pelos Santos Padres e recordados na mencionada Constituição, que **Maria, Mãe de Deus Redentor** (cf. L. G. 53) foi a ele unida por **vínculo estreito indissolúvel** (ibid.) e que teve uma singularíssima **função... no mistério do Verbo incarnado e do Corpo Místico** (L. G. 54), quer dizer na **economia da salvação** (L. G. 55) parece evidente que a Virgem, não só por ser a **Mãe santíssima de Deus, e como tal haver interferido no mistério de Cristo** (L. G. 66), mas também por ser **Mãe da Igreja** (5), é pela mesma Igreja venerada **com culto especial** (cf. L. G. 66) particularmente o litúrgico (cf. L. G. 67).

Nem é de temer que a reforma litúrgica, se efectuada segundo a fórmula: **A lei da fé deve estabelecer a lei da oração** (6) possa vir em detrimento do culto de **todo o singular** (cf. L. G. 66) devido a Maria Virgem pelas suas prerrogativas, entre as quais ressalta a dignidade de Mãe de Deus. E nem mesmo, pelo contrário, se deve temer que o incremento do culto, tanto litúrgico como privado, a Ela dedicado, possa ofuscar ou diminuir o **culto de adoração, que é prestado ao Verbo incarnado, e do mesmo modo ao Pai e ao Espírito Santo** (L. G. 66).

Portanto, sem querer aqui, Veneráveis Irmãos, apresentar no seu conjunto a doutrina tradicional respeitante à função da Mãe de Deus no plano da salvação e as relações d'Ela com a Igreja, Nós julgamos fazer algo de grande utilidade para as almas dos fiéis, se nos detivermos a considerar duas verdades muito importantes para a renovação da vida cristã.

PRIMEIRA PARTE

O CULTO DEVIDO A MARIA COMO MÃE DA IGREJA

1. Maria SS.ma, Mãe espiritual perfeita da Igreja

A primeira verdade é esta: Maria é Mãe da Igreja não apenas por ser Mãe de Jesus Cristo e sua intimíssima colaboradora na **nova Economia, quando Filho de Deus assume dela a natureza humana, para mediante os mistérios da sua carne libertar o homem do pecado** (L. G. 55), mas também porque refugiu a toda a comunidade dos eleitos como modelo de virtude (cf. L. G. 65, também o n.º 63) como, na verdade, cada Mãe humana não pode limitar a sua missão à geração de um novo homem, mas deve alargá-la à nutrição e à educação da prole, também assim se comporta a bem-aventurada Virgem Maria. Depois de ter participado no sacrifício Redentor do Filho, e de maneira tão íntima que Lhe fez merecer ser por Ele proclamada Mãe não só do discípulo João, mas — seja consentido afirmá-lo — do género humano, por este de algum modo representado (7), Ela continua agora no céu a cumprir a sua função materna de cooperadora no nascimento e desenvolvimento da vida divina em cada alma dos homens remidos. Esta é uma consoladora verdade, que por livre benelácio do sapientíssimo Deus fez parte integrante do mistério da salvação humana; por isso ela deve ser considerada como de fé por todos os cristãos.

2. Maria, Mãe espiritual mediante a sua intercessão junto do Filho

Mas de que modo coopera Maria no crescimento dos membros do Corpo Místico na vida da graça? Em primeiro lugar mediante a sua incessante súplica, inspirada por uma ardente

caridade. A Virgem santa, de facto, embora feliz pela visão da augusta Trindade, não esquece os seus filhos que caminham como Ela outrora na **peregrinação da fé** (L. G. 58), pelo contrário, contemplando-os em Deus e vendo bem as suas necessidades, em comunhão com Jesus Cristo que está **sempre vivo para interceder por eles** (Heb. 7/25) deles se constitui Advogada, Auxiliadora, Amparo e Medianeira (cf. LG 62). Desta sua ininterrupta intercessão junto do Filho pelo Povo de Deus, a Igreja tem estado desde os primeiros séculos persuadida, como o testemunha esta antiquíssima antífona que, com algumas ligeiras diferenças, faz parte da oração litúrgica tanto no Oriente como no Ocidente: **«à tua protecção nos acolhemos ó Mãe de Deus; não desprezes as nossas súplicas nas necessidades, mas salva-nos dos perigo ó (tu) que só (és) a bendita** (8). Nem se pense que a intervenção maternal de Maria traga prejuízo à eficácia predominante e insubstituível de Cristo, nosso Salvador; pelo contrário, ela tira a sua força da mediação de Cristo e é dela uma prova luminosa (cf. LG. 62).

3. Maria, Educadora da Igreja com a fascinação das suas virtudes

Não se esgota, porém, no patrocínio junto do Filho a cooperação da Mãe da Igreja no desenvolvimento da vida divina nas almas. Ela exerce sobre os homens remidos uma outra influência: a do exemplo. Influência, na verdade, importantíssima, segundo a conhecida máxima: **«As palavras movem, mas o exemplo arrasta».** Realmente, tal como os ensinamentos dos pais adquirem eficácia bem maior se são apoiados pelo exemplo duma vida dentro das normas da prudência humana e cristã, assim também a suavidade e o encanto das excelsas virtudes da Imaculada Mãe de Deus atraem de maneira irresistível os ânimos para a imitação do divino modelo, Jesus Cristo, de que Ela foi a mais fiel imagem. Por isso o Concílio declarou: **A Igreja, reflectindo piedosamente sobre a Maria e contemplando-a à luz do Verbo feito homem, cheia de respeito mais e mais no íntimo do altíssimo mistério da Encarnação vai tomando cada vez mais a semelhança do seu Esposo** (LG 65).

4. A santidade de Maria, luminoso exemplo de perfeita fidelidade à graça

É bom, além disso, ter presente que a eminente santidade de Maria não foi apenas um dom singular da liberdade divina: foi também o fruto da contínua e generosa correspondência da sua livre vontade às moções interiores do Espírito Santo. É por motivo da perfeita harmonia entre a graça divina e a actividade da sua natureza humana que a Virgem rendeu suprema glória à Santíssima Trindade e se tornou honra insigne da Igreja, que como tal a saúda na Sagrada Liturgia: **Tu (és) a glória de Jerusalém, tu (és) a alegria de Israel, tu (és) a honra do nosso povo** (9).

5. Exemplos de virtudes Marianas nas páginas do Evangelho

Nas páginas do Evangelho admiramos os testemunhos de tão sublime harmonia. Maria, logo que obteve a certeza pela voz do Anjo Gabriel que Deus a elegia para Mãe do seu Filho Unigénito, sem qualquer hesitação, deu o seu consentimento para uma obra na qual teria de empregar todas as energias da sua frágil natureza, declarando: **Eis a Serva do Senhor, seja-me feito segundo a tua palavra** (Luc. 1/38). Desde esse momento ela consagrou-se inteiramente ao serviço, não apenas do Pai celeste e do Verbo encarnado, tornado seu Filho, mas também de todo o género humano, pois compreendeu bem que Jesus, além de salvar o seu povo da escravidão do pecado, seria o Rei de um Reino messiânico, universal e eterno (cr. Mat. 1/21; Luc. 1/33).

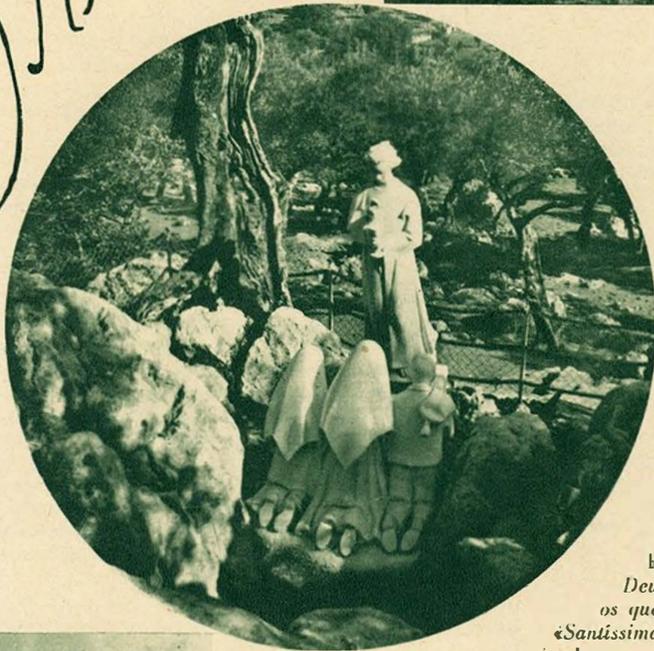
6. Maria, serva do Senhor, desde a Anunciação até à sua gloriosa Assunção

Por este motivo, a vida da imaculada Esposa de José, **virgem no parto e depois do parto** — como sempre acreditou e professou a Igreja Católica (10) e como convinha *Àquela*

(Continua na pag. 6)

Fátima

MENSAGEM DE ORAÇÃO



MENSAGEM evangélica de oração... — dizia o Santo Padre que há pouco se prostrava peregrino diante de Nossa Senhora de Fátima. No Evangelho, com efeito, Cristo ensina a orar os seus discípulos, da maneira mais simples: «quando orardes, dizei: Pai Nosso que estais no Céu...»; porém, recomendava-lhes uma oração insistente, perpétua, constante e confiada: «Orai, orai sem interrupção...»

Em Fátima, a Virgem Maria desce para recordar aos homens esta lição onistã, nunca bem aprendida. E, com ela, uma vez mais, a Virgem Maria faz-se «a escrava do Senhor», a humilde serva do Evangelho de Cristo.

Que lições tão maravilhosas de oração se ouvem nesta escola de oração que é Fátima! Primeiro, nas suas admiráveis fórmulas, catequéticas e populares, teológicas e cheias de unção: as orações do Anjo: «*Meu Deus, eu creio, adoro, espero, amo-vos, peço-vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não vos amam.*» «*Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, adoro-vos-Vos profundamente e ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria peço-vos a conversão dos pobres pecadores.*»

As orações ensinadas pela Virgem:

«*Ó Jesus, é por vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria.*»

«*Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, levai as alminhas todas para o céu, principalmente as que mais precisarem.*»

As orações que alguns veneráveis sacerdotes ensinaram às crianças: assim esta simples jaculatória do Dr. Formigão de que a Lúcia tanto gostava:

«*Meu Deus, eu vos amo em agradecimento pelas graças que me tendes concedido.*»

Jacinta, arrebatada por ela, interrompia o jogo para dizer:

«*Vocês têm-se esquecido de dizer a Nosso Senhor que O amam pelas graças que nos tem feito?*»

As jaculatórias do Santo P.^o Cruz:

«*Ó meu Jesus eu vos amo.*»

«*Doce Coração de Maria sede a minha salvação.*»

Delas vivia de tal modo a pequena Jacinta que na sua enfermidade dizia:

«*Gosto tanto de dizer a Jesus que O amo! Quando lho digo muitas vezes parece-me que tenho lume no peito; mas não me queima.*»

E, sobretudo, o Rosário: fórmula de oração perfeita que tem santificado a piedade na Igreja durante séculos.

(Continua na pág. 27)

Por
Dr. Joaquim
Maria Alonso
C. M. F.



que tinha sido elevada à dignidade incomparável da maternidade divina (11) —, foi uma vida de perfeita comunhão com o Filho, partilhando com Ele alegrias, dores e triunfos. E mesmo depois de Jesus subir ao céu, ficou unida por Ele por um ardentíssimo amor, enquanto cumpria com fidelidade a nova missão de Mãe espiritual do discípulo predilecto e da igreja nascente. Pode afirmar-se, assim, que toda a vida da humilde Serva do Senhor, desde o momento em que foi saudada pelo Anjo até à sua assunção em alma e corpo à glória celeste, foi uma vida de amoroso serviço.

Nós, portanto, associando-nos aos Evangelistas, aos Padres e aos Doutores da Igreja, recordados no Concílio Ecuménico, na Constituição dogmática *Lumen Gentium* (cap. VIII), cheios de admiração, contemplamos Maria, firme na fé, na obediência, pronta, simples na humildade, exultante no louvor do Senhor, ardente na caridade, forte e constante no cumprimento da sua missão até ao holocausto de si própria, em plena comunhão de sentimentos com o seu Filho, que se imolava na cruz para dar aos homens uma vida nova.

7. Justo culto de louvor e de gratidão à Mãe da Igreja

Pois bem, perante tanto esplendor de virtudes, o primeiro dever de quantos reconhecem na Mãe de Cristo o modelo da Igreja é o de, em união com Ela, render graças ao Altíssimo por ter realizado em Maria tão grandes obras em benefício da humanidade inteira. Mas não basta. É igualmente dever de todos os fiéis tributarem à fidelíssima Serva do Senhor um culto de louvor, de reconhecimento e de amor, uma vez que, segundo a sábia e suave disposição divina, o seu livre consentimento e a sua generosa cooperação nos desígnios de Deus tiveram e continuam a ter uma grande influência na realização da salvação humana (cf. LG 56). Por este motivo cada cristão pode fazer sua a invocação de S. Anselmo: **Ó gloriosa Senhora, faz com que por Ti mereçamos chegar até Jesus, teu Filho, que por teu intermédio se dignou descer até nós** (12).

SEGUNDA PARTE

DEVOTA IMITAÇÃO DAS VIRTUDES DE MARIA SANTÍSSIMA

1. A verdadeira devoção a Maria Santíssima leva à imitação das suas virtudes

Porém, nem a graça do Redentor divino, nem a intercessão poderosa de sua Mãe e nossa Mãe espiritual, nem a sua excelsa santidade poderiam conduzir-nos ao porto de salvação, se a tudo isso não correspondesse a nossa perseverante vontade de honrar Jesus Cristo e a Virgem Santa com a devota imitação das suas sublimes virtudes.

É, pois, dever de todos os Cristãos imitar com espírito reverendo os exemplos de bondade que lhes foram deixados pela Mãe do Céu. É esta, Veneráveis Irmãos, a outra verdade sobre a qual Nos agrada chamar a vossa atenção e a dos filhos confiados aos vossos cuidados pastorais, para que eles aceitem favoravelmente a exortação dos Países do Concílio Vaticano II: **Recordem-se os fiéis de que a devoção autêntica não consiste em sentimentalismo estéril e passageiro, ou em vã credulidade, mas procede da fé verdadeira que nos leva a reconhecer a excelência da Mãe de Deus e nos incita a um amor filial para com a nossa Mãe, e à imitação das suas virtudes** (13).

É a imitação de Jesus Cristo, indubitavelmente, o régio caminho a percorrer para chegar à Santidade e para imprimir em nós mesmos, segundo as próprias forças, a perfeição absoluta do Pai Celeste. Mas, se a Igreja Católica sempre proclamou esta verdade tão sacrossanta, também afirmou que a imitação da Virgem Maria, longe de afastar as almas do fiel seguimento de Cristo, o torna mais amável, mais fácil, na verdade, havendo Ela cumprido sempre a vontade de Deus, mereceu em primeiro lugar o elogio que Jesus dirige aos seus discípulos: **Todo aquele que fizer a vontade de meu**

Pai que está nos Céus, esse é que é meu irmão, minha irmã e minha mãe (Mat. 12/50).

2. «Per Mariam ad Jesum»

É, também, válida para a imitação de Cristo a norma geral: **«Per Mariam ad Jesum»**. Não se perturbe, porém, a nossa fé, como se a intervenção duma criatura em tudo semelhante a nós, menos no pecado, ofendesse a nossa dignidade pessoal e impedisse a intimidade e a nossa relação imediata de adoração e de amizade com o Filho de Deus. Reconhecemos antes a **bondade de Deus nosso Salvador** (cf. Tit. 3/4), o qual, condescendendo com a nossa miséria tão afastada da sua infinita santidade, nos quis ajudar a imitá-la propondo-nos o modelo da pessoa humana de sua Mãe, Ela, na verdade, entre as criaturas humanas oferece o exemplo mais brilhante e ao mesmo tempo, mais perto de nós daquela perfeita obediência com a qual nos conformamos amorosa e prontamente aos desejos do Pai eterno; e o próprio Cristo, como bem sabemos, foi nesta plena adesão à vontade do Pai que disse estar o ideal supremo da sua conduta humana, ao declarar: **Eu sempre faço o que é do seu agrado** (Jo. 8/29).

3. Maria, nova Eva, Aurora do Novo Testamento

Se pois contemplarmos a humilde Virgem de Nazaré na auréola das suas prerrogativas e das suas virtudes, vê-la-emos refulgir ao nosso olhar como a **Nova Eva** (14), a excelsa Filha de Sião, o vértice do Antigo Testamento e a aurora do Novo, na qual se realizou a **plenitude do tempo** (Gal. 4/4), predestinada por Deus Pai para enviar o seu Filho Unigénito ao mundo. Na verdade, a Virgem Maria, mais do que todos os patriarcas e profetas, mais do que o justo e piedoso Simeão, obteve e implorou a **consolação de Israel... o Messias do Senhor** (Luc. 2/25-26), e saudou a sua vinda com o hino do **Magnificat**, quando Ele desceu ao seu castíssimo seio, para nele assumir a nossa carne. Por isso, é em Maria que a Igreja aponta o exemplo do mais digno modo de receber no nosso espírito o Verbo de Deus, consoante a luminosa sentença de S. Agostinho: **Mais bem-aventurada, pois, foi Maria em receber a fé em Cristo, do que em conceber a carne de Cristo. A consanguinidade materna, portanto, de nada teria servido a Maria, se Ela não se tivesse sentido mais feliz em acolher Cristo no seu Coração, que no seu seio** (42). E ainda é n'Elas que os Cristãos podem admirar o exemplo de como realizar, com humildade insigne a grandeza de ânimo, a missão que a cada um neste mundo Deus confia, em ordem à sua própria salvação eterna e à do próximo.

Portanto, vo-lo rogo, tornei-vos **meus imitadores, como eu o sou de Cristo** (1 Cor. 4/16). Estas palavras, com maior razão do que Paulo aos Cristãos de Corinto, pode a Mãe da Igreja dirigi-las à multidão dos crentes que, em uníssono de fé e de amor com as gerações dos séculos passados, a aclamam como bem-aventurada (cf. Luc. 1/48). É um convite a que devemos prestar dócil atenção.

4. Mensagem Mariana de convite à oração, à penitência, ao temor de Deus

Há, assim, uma mensagem de suma utilidade, que parece chegar hoje aos fiéis da parte d'Aquela que é a Imaculada, a toda santa, a cooperadora do Filho na obra de restauração da vida sobrenatural das almas (LG 61). Contemplando devotamente Maria, eles de facto conseguem d'Elas incitamento à oração confiante, à prática da penitência, ao temor santo de Deus.

É igualmente nesta meditação mariana que eles ouvem as mais das vezes ressoar aquelas palavras com que Jesus Cristo, anunciando estar perto o Reino dos Céus, dizia: **Arrependei-vos e acreditai na Boa Nova** (Marc. 1/15; cf. Mat. 3/2, 4/17); e a sua severa advertência: **Se não vos arrependerdes,, perecereis todos de maneira semelhante** (Luc. 13/5).

Movidos assim pelo amor e pelo propósito de aplacar Deus, tão ofendido na sua santidade e na sua justiça, e animados também pela confiança na sua infinita misericórdia, devemos suportar os sofrimentos espirituais e corporais, a fim de expiarmos os nossos pecados e os do próximo e evitarmos assim a dupla pena, de dano e de sentidos, isto é,

a perda de Deus, sumo Bem, e o fogo eterno (cf. Mat. 25/41; LG 48).

5. O próprio Cristo aponta a Mãe como modelo da Igreja

O que deve ainda estimular mais os fiéis a imitar os exemplos da Virgem Santíssima, é o facto de o próprio Jesus, tendo-lha dado por Mãe, implicitamente a ter apontado como modelo a imitar. De facto, é natural que os filhos tenham os mesmos sentimentos que as mães e que lhes imitem orações e virtudes. Portanto, assim como cada um de nós pode repetir como S. Paulo: **O Filho de Deus amou-me e entregou-se a si mesmo por mim.** (Gal. 2/20; cf. Ef. 5/2), do mesmo modo com igual confiança pode acreditar que o Salvador Divino lhe deixou, também a ele, em herança espiritual a sua própria Mãe, com todos os tesouros de graça e de virtude de que a tinha cumulado, a fim de que os derramassem sobre nós, como efeito da sua poderosa intercessão e da nossa corajosa imitação. É por isso que com razão S. Bernardo afirma: **Vindo a Ela o Espírito Santo, encheu-a de graça por ela mesma; inundando-a novamente o mesmo Espírito, Ela tornou-se superabundante e transbordante de graça também para nós** (15).

6. A história da Igreja, sempre iluminada pela presença edificante de Maria

De tudo que temos vindo a expor, à luz do Evangelho e da tradição católica, resulta evidente que a maternidade espiritual de Maria transcende o espaço e o tempo e pertence à história universal da Igreja, porque nesta sempre Ela esteve presente com a sua maternal assistência. Igualmente fica claro o sentido da afirmação, tão frequentemente repetida: a nossa época pode bem dizer-se a era de Maria. Se é verdade, com efeito, que hoje, por uma graça insigne do Senhor, vastas camadas do povo cristão compreendem mais profundamente o papel providencial de Maria Santíssima na história da salvação, isso não deve todavia fazer-nos pensar que as épocas passadas não entenderam de qualquer modo tal verdade ou que as futuras poderão ignorá-la. A falar verdade, todos os períodos da história da Igreja beneficiaram e hão-de beneficiar de presença maternal da Mãe de Deus, pois Ela permanecerá sempre indissolúvelmente unida ao mistério do Corpo Místico de cuja Cabeça está escrito: **Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e sê-lo-á para sempre** (Heb. 13/8).

7. A Mãe da Igreja, estandarte de unidade, estímulo à perfeita fraternidade entre todos os cristãos

Veneráveis Irmãos, a convicção de que o pensamento da Igreja católica acerca do culto de louvor, de reconhecimento e de amor, devido à Santíssima Virgem, concorda totalmente com a doutrina do Evangelho, como mais precisamente a entende e desenvolve a Tradição, quer do Oriente, quer do Ocidente, infunde-nos a esperança de que esta Nossa pastoral exortação a uma piedade mariana cada vez mais fervorosa e frutuosa, será acolhida generosamente, não apenas pelos fiéis confiados aos vossos cuidados, mas também por aqueles que, não gozando embora, da plena comunhão com a Igreja Católica, todavia admiram e veneram conosco, na Serva do Senhor, a Virgem Maria, Mãe do Filho de Deus,

Possa o Coração Imaculado de Maria brilhar doravante ante o olhar de todos os Cristãos como modelo de perfeito amor para com Deus e para com o próximo; que Ele os

conduza à frequência dos Sacramentos, pelos quais as almas são purificadas das manchas do pecado e dele defendidas; e estimule além disso a reparar as inúmeras ofensas feitas à divina Majestade; refulja, enfim, como estandarte de unidade e incite a aperfeiçoar os vínculos de fraternidade entre todos os Cristãos no seio da única Igreja de Jesus Cristo, a qual, **guiada pelo Espírito Santo, honra a Virgem Maria como Mãe amantíssima, dedicando-lhe afecto de piedade filial** (LG 53).

8. Convite a renovar a consagração pessoal ao Coração Imaculado de Maria

E porque este ano se comemora o XXV aniversário da solene consagração da Igreja a Maria, Mãe de Deus, e ao seu Coração Imaculado, feita pelo Nosso Predecessor de santa memória, Pio XII, em 31 de Outubro de 1942, por ocasião da Pádic-Mensagem à Nação Portuguesa (16) — Consagração que Nós mesmo renovámos em 21 de Novembro de 1964 (17) — exortamos todos os filhos da Igreja a renovar pessoalmente a sua própria consagração ao Coração Imaculado da Mãe da Igreja e a viver este nobilíssimo acto de culto com uma vida cada vez mais conforme à Vontade Divina (18) e em espírito de serviço filial e de devota imitação da sua celeste Rainha.

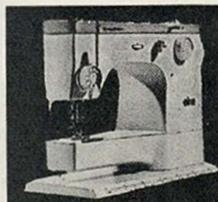
Exprimimos por fim, Veneráveis Irmãos a confiança de que, incitados por vós, o clero e o povo cristão confiados ao vosso ministério pastoral corresponderão generosamente a esta Nossa Exortação, demonstrando para com a Virgem Mãe de Deus uma piedade mais ardente e uma confiança mais firme. Enquanto Nos conforta a certeza de que a excelsa Rainha do céu e nossa Mãe dulcíssima não deixará de assistir tocos e cada um dos seus filhos e não retirará de toda a Igreja de Cristo o seu celeste patrocínio, concedemo-vos do coração, a Vós mesmos, aos vossos fiéis, em auspício dos favores divinos e em sinal da nossa benevolência, a nossa Bênção Apostólica.

Dado em Roma, junto de São Pedro, em 13 de Maio de 1967, quarto ano do nosso Pontificado.

Paulo PP. VI

NOTAS

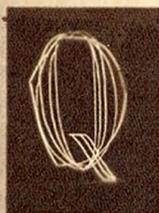
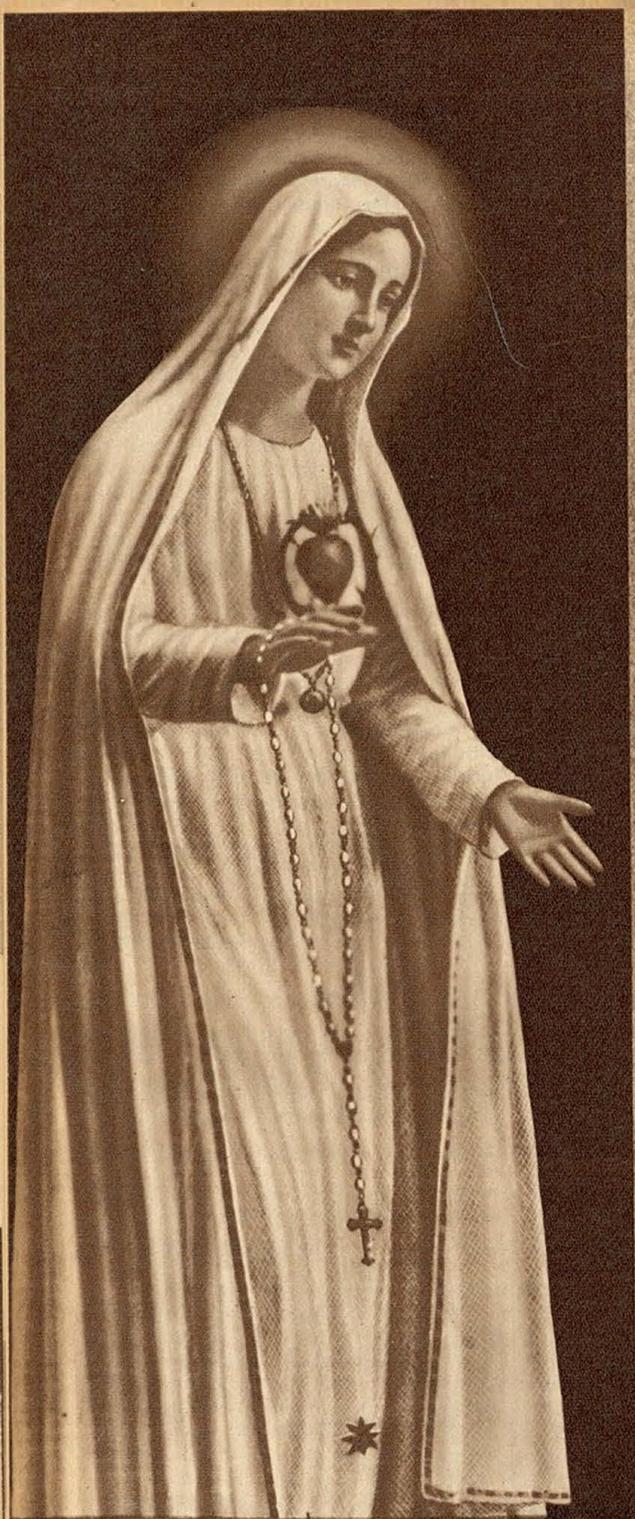
- (1) Cf. Epístola da Missa da festa da Aparição da Virgem Imacuada em Lourdes (11 de Fevereiro).
- (2) Cf. A. S. S. 57, 1965, pp. 1-67.
- (3) Pio XII — Mensagem Radiofónica de 13. Maio 1945, por ocasião da coroação da imagem de N.ª S.ª de Fátima (A. A. S., 38, 1946, p. 264).
- (4) Cf. Cap. VIII, Parte III — A Santíssima Virgem e a Igreja. (Esta constituição conciliar sobre a Igreja e doravante indicada nesta publicação pela sigla L. G.).
- (5) Alocução dos Padres Conciliares, na festa da Apresentação de Maria (A. S. S., 56, 1964, p. 1016).
- (6) Pio XII, Encíclica *Mediator Dei* (A. S. S., 39 1947, p. 541).
- (7) LG. 58; Leão XIII, Encíclica *Adiutricem populi* (Acta Leonis XIII, 15, 1896, p. 302).
- (8) Cf. Dom. F. Mercenier, *L'Antienne Mariale grecque la plus ancienne*, in *Le Museón*, 52, 1939, pp. 229-233.
- (9) 2.ª Antífona de Laudes, na festa da Im. Conceição de N.ª Senhora.
- (10) Cf. S. Magno. *Carta Lectis dilectionis tude a Flaviano* (PL., 54, 759); *Carta Licei per nostros a Juliano, bispo Coensem.* (PL 63, 803); S. Hormisdas, *Carta Inter ea quae ad imperator Justinum.* (PL 63, 514); Pelágio I. *Carta Humani generis a Childebertol.* (PL 69, 407); Concílio de Latrão, Out. 649, can. 3 (Gaspar, ZKG, 51, 1932, p. 88); 16.º Concílio de Toledo, Símbolo, art. 22 (J. Madoz, *El Símbolo del Concilio XVI de Toledo in Estudios Onienses*, scr. I, vol. 3, 1946); e LG. 52, 55, 57, 59 e 63.
- (11) Cf. S. Tomás, *Sum. Theol.*, p. I, q. 25, a. 6, ad 4.
- (12) *Orat.* 54 (PL 158, 961).
- (13) LG 67 cf. S. Tomás, *Sum. Theol.*, p. II-II, q. 81, a. i, ad 1. P. III, q. 25, aa. 1, 5.
- (14) Cf. S. Ireneu, *Adv. Haer.* III, 22, 4 (PG 7, 959); S. Epifânio, *Haer.* 78, 18 (PG 42. 728-729); S. João Crisostomo, *Homil. 1 in Nativitate B. M. V.* (PG 96, 671 ss.); L. C. 56).
- (15) *Homil. 2 super Missus est*, n. 2 (PL 183, 64).
- (16) Cf. *Discorsi e Radiomessaggi di S. S. Pio XII*, vol. IV, pp. 260-262; cf. AAS. 34, 1942, pp. 345-346.
- (17) Cf. AAS. 56, 1964, p. 1017.
- (18) Cf. *Oração da festa do Im. Coração de Maria* (22 de Agosto).



A mais moderna máquina
de costura • TODAS AS
FANTASIAS

elna

Estabelecimentos CANCELA — R. Oliveira Martins, 31 / Lisboa-1 / Telef. 767567



QUANDO há 50 anos, Portugal escrevia, com a sua ingratidão, uma das páginas mais negras da sua vida de nação livre e independente e tentava rasgar a sua história de glória e heroísmo na qual, está marcada a traços de luz a protecção da Mãe do Céu, vem à Cova da Iria, no coração de Portugal, vestida de sol, calçada de lua, coroada das

mais brilhantes estrelas do firmamento, vem a Virgem meiga das pombas mansas trazer-nos um recado de Mãe, entregar-nos uma missão de apostolado, prometer-nos uma era de paz. E o recado da Senhora foi para ti, foi para mim, foi para todos. E como correspondemos nós aos seus apelos de Mãe, à sua escolha de predilecção, como transmitimos esse recado ao mundo que tem os olhos postos em Portugal?

Não será tempo de fazermos um sério exame de consciência, nós que nos afirmamos mulheres católicas, nós que tão bem conhecemos, que tantas vezes trilhamos os caminhos que vão a Fátima? Daremos nós no falar, no vestir, no viver, testemunho de Fátima? Poderá o mundo dizer-nos, como no pátio do Sumo Sacerdote a criada disse ao apóstolo Pedro: «conheço-te pela fala. és dos que andam com Jesus», poderá o mundo ao ver-nos, dizer-nos; «conheço-vos, sois frequentadoras de Fátimas, sérias no viver, honestas no vestir, decentes no falar, zelosas pela expansão do Reino de Deus, imitadoras fiéis de Maria, Mãe do Senhor?

A Senhora veio branca como a pureza, mansa como a humildade, séria, sem alegria, porque era grave o momento que se vivia, sério, muito sério o motivo que a trazia à terra. Vinha chamar-nos à razão, ao Caminho a que fugíramos à Verdade que negávamos, à Vida que não queríamos. Veio vestida de branco, daquela brancura imaculada que contrasta com as sombras duma vida fútil, sem ideal de nobreza, sem sentido de eternidade. Vinha do Céu onde é Rainha e Senhora, Mãe de Deus, e vinha modesta! Que exemplo, que repreensão para nós, mulheres cristãs, que não temos coração de reagir diante da tirania da moda que nos arrasta ao uso dos mais ridículos vestidos, das mais levianas maneiras! Vinha mansa, calma como a humildade! Esta atitude da Senhora não te diz nada, não é para ti exemplo, repreensão? Quanto temos que aprender, nós que nos julgamos auto-suficientes, que fazemos alarde do dinheiro, da beleza, do prestígio, da nobreza, da cultura e julgamos que o mundo é pequeno para conter a nossa importância, é pouco para se prostrar aos nossos pés!... A Virgem veio simples, como simples viveu na terra.

Não olhava o céu, como em Lourdes, nem ao largo, como em La Salette. Tinha os olhos baixos, olhava a terra, a Sua terra, a terra de Santa Maria a terra que tinha perdido o rumo das alturas, o seu ideal de nobreza, que esquecera a sua missão de terra evangelizadora doutros mundos, missionária doutras gentes, a terra que cortara as relações de amizade com Cristo. E a Senhora, mãe de Deus ofendido e de Portugal pecador, veio solícita, carinhosa, Mãe da Divina Graça, chamar-nos, acarinhar-nos para nos levar a viver uma vida nova, liberta da tirania do pecado, cheia de beleza porque cheia de graça de Deus. E num desabafo de Mãe, em cada uma das seis aparições vai chamando, aconselhando, pedindo, dando a palavra de ordem, ensinando a maneira de nos encontrarmos a nós mesmos e de encontrarmos Cristo. E pediu: oração, penitência, modéstia.

Oração que tem de ser a vida toda oferecida ao Pai, pelo Coração Imaculado de Maria, para fazer da vida um hino de acção de graças ao amor de Deus que nos criou, à misericórdia de Deus que nos sustenta e conserva. Oração que faça de nós, cantores das maravilhas da criação, manifestação de Deus ao mundo. Pediu a penitência apostólica que nos leva a sofrer, a reparar pelos nossos pecados e pelos alheios, nos lembra que temos de ser presença viva de Igreja, fermento de Cristianismo preocupando-nos com todos, tendo

(Continua na pag. 23)

recado
FOI PARA NÓS...

O mês de Junho é um mês de transição. Tem ainda uma parte de Primavera e outra, um pouco mais curta, de Verão, e por isso é, quase sempre, um mês florido, de clima suave, de céu azul, ainda sem as ventanias e os ardores de Julho. Mas a ciência, que em tudo bole nas suas experiências, perturba muitas vezes a atmosfera, em busca de um infinito que lhe foge, e então o tempo transtorna-se e já não segue o ritmo habitual. Há sábios que dizem que isto assim é, outros dizem que não, que a Terra, no seu trajecto milenário pelo espaço, vai percorrendo várias zonas, que modificam, por vezes, o seu clima nas suas diversas fases. Só Deus sabe quem tem razão.

Mas, o mês de Junho foi consagrado pela Igreja ao Coração de Jesus. Basta este privilégio para o tornar credor das nossas orações, do nosso humilde culto, a esse Coração Divino que entende as mágoas e as dores do nosso pobre coração humano, que tantas horas e dias pulsa angustiosamente, com as tristezas, as desgraças, as tragédias que a vida lhe impõe, com o mal que incoscientemente, ou deliberadamente fazemos uns aos outros: com as lutas que empreendemos ou a que não conseguimos furtar-nos no dia a dia do trabalho, da doença, da pobreza, da ingratidão que nos fere ou da traição que nos aniquila.

Para que o nosso coração não fraqueje nas batalhas da vida é que devemos amparar-nos nesse Coração, que se nos revela compassivo e inesgotável fonte de amor — do amor puro que nos eleva, do amor sublime que aceita as penitências e os sacrifícios, do amor humilde, que não se julga digno de receber do Coração Divino a cura ambicionada, ainda que procure invocar o *Sursum Corda*, que torna as pobres criaturas humanas mais puras e mais fortes.

Tudo isto nos sugere o mês de Junho, mas temos ainda neste mês a evocação de três Santos, que o coração português, para mais os aproximar do seu carinho e, por assim dizer, da sua intimidade, despojou da austeridade que os distinguia, para torná-los populares e familiares, para mais facilmente lhes pedir uma graça, um socorro, nas horas difíceis da existência quotidiana.

Santo António, que nós, portugueses, figuramos um santo juvenil e belo, era extremamente austero, e segundo se afirma, sem beleza física. Juvenil devia sê-lo, visto que morreu com trinta e seis anos, mas o seu rosto não possuía aquela gentileza adolescente, que nós lhe damos.

S. João Baptista era, além de austero, rude, com a braveza que lhe dera a permanência no deserto, e a sua indiferença pela vida terrena.

S. Pedro, amaciado pelo perdão que recebera, era, todavia, um homem grave, que viveu nas lutas do mar, e mais concentrado e grave se tornara, com o pesado encargo de primeiro chefe da Igreja.

No entanto, o povo português ama-os e respeita-os, mas amena-os. Sente-se próximo deles, como se sente próximo do seu pároco. Festeja-os e com eles se alegra.

E confia que pode pedir aos três santos do mês de Junho todas as graças que não incluem maldade e faz-lhes promessas de velas, flores, frutos e fogaças.

E vê-se Santo António com o Menino Jesus a sorrir-lhe; S. João, pastorinho, envolvido em peles, e com um cordeirinho ao colo; e S. Pedro, com uma barba branca de avô, e a chave na mão, como que a chamar-nos ao Paraíso.

É doce o mês de Junho e dá muito que meditar — evocando os fortes corações dos seus três Santos e sobretudo o Coração do Mestre, em que tudo se aprende, em que tudo se espera, e tudo se abdica.

MARIA DE CARVALHO

*Aqui venho. Aqui me vês,
Neste chão ajoelhada,
Uma vez e outra vez,
Quieta, muda, pasmada...
Nas mãos o terço esquecido,
Sem fazer nada de nada.*

*É que nem por um instante
Se me aparta do sentido,
Que, sem bulir pé nem mão.
— Como em escada rolante,
Sem degraus nem corrimão —
Muito apurmada e certinha,
À terra tenkas descido.
Nesta serra Tua e minha.*

*O chão em que me ajoelho,
Já foi pisado por Ti.
Foi neste lugar. Foi neste,
Senhora, que Tu desceste,
Quando a Portugal trouxeste
Um aviso e um conselho.
Aqui mesmo. Mesmo aqui.*

*Terra aonde vás de visita,
Logo Jesus vai também.
Minha Fátima Bendita!
Minha segunda Belém!*

*Com o sentido apegado
A estas coisas, me quedo
Num silêncio ajoelhado.
Nas mãos o terço escusado.
Credo! Credo! Credo! Credo!*

Ilda Corrêa Leite

APELO ÀS ALMAS DE BOA VONTADE

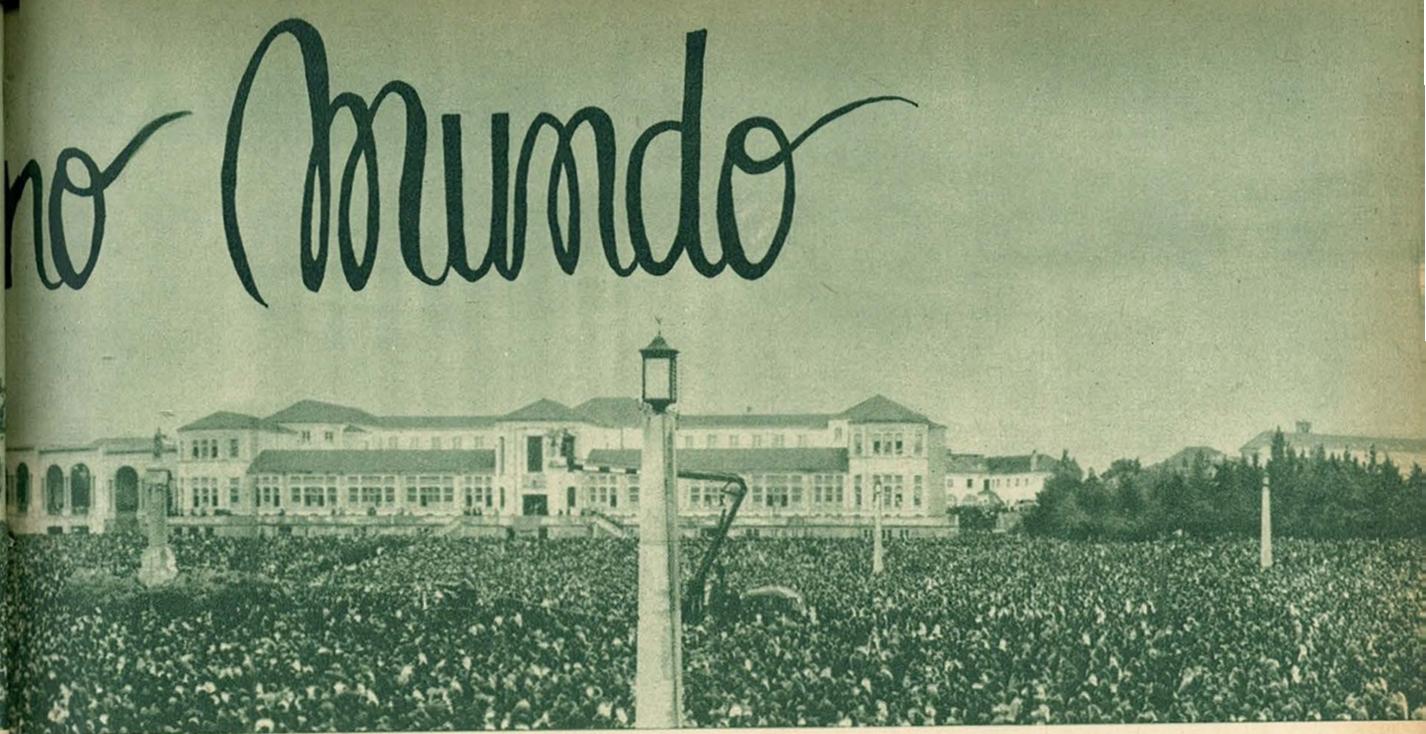
No intuito de bem servir as nossas mui prezadas Assinantes quisemos mimoseá-las com um documentário o mais completo possível da insigne graça a qual foi a visita de S. S. Paulo VI a Fátima, dentro das comemorações do Cinquentenário das Aparições de Nossa Senhora.

Como nos ficou bastante dispendioso este número especial de Maio, vimos apelar para a vossa compreensiva generosidade pedindo queirais enviar-nos o pequeno óbulo de 5\$00 em selos para assim nos minorar o acréscimo de despesas que este número nos ocasionou.

Também pedimos às Assinantes que ainda não satisfizeram o pagamento da sua assinatura, o obséquio de no-lo enviar voluntariamente evitando assim as despesas inerentes ao serviço da cobrança.

Muito grata a «Redacção da STELLA não deixará de vos recordar aos Pés da Senhora de Fátima.»

Fome no Mundo



OUCO antes de ir para o hospital, Jacinta dissera à Lúcia:

«A mim já me falta pouco para ir para o Céu. Tu ficas cá para dizeres que Deus quer estabelecer no mundo a devoção do Imaculado Coração de Maria. Quando fores para dizer isso, não te escondas! Dize a toda a gente que Deus nos concede as graças por meio do Coração Imaculado de Maria, que lhas peçam a Ela; que o Coração de Jesus quer que ao seu lado se venere o Coração Imaculado de Maria, que peçam a paz ao Coração Imaculado de Maria, que Deus lha entregou a Ela.»

Tanto como a guerra, os horrores da fome preocupam igualmente o nosso mundo inquieto. A fome é uma das mais tristes consequências da guerra que destrói campos férteis de cultura, destrói sementeiras e, pelos bloqueios de toda a espécie, pretende submeter pela fome os povos que, todavia resistem aos ataques armados. Esta fome provocada é a mais cruel, que não poupa nem as míseras crianças inocentes. Não basta secar as fontes de vida para reduzir o número de bocas, qualquer imponderável pode não deixar resultar os grandes planos de organizações mundiais; as melhores boas vontades chocam inesperadamente com obstáculos intransponíveis. As campanhas mais simpáticas serão meros gestos simbólicos, pois não remedia a situação

dos povos esfomeados o dinheiro obtido na venda de bolos pelos jovens de uma cidade generosa, como Calais. O

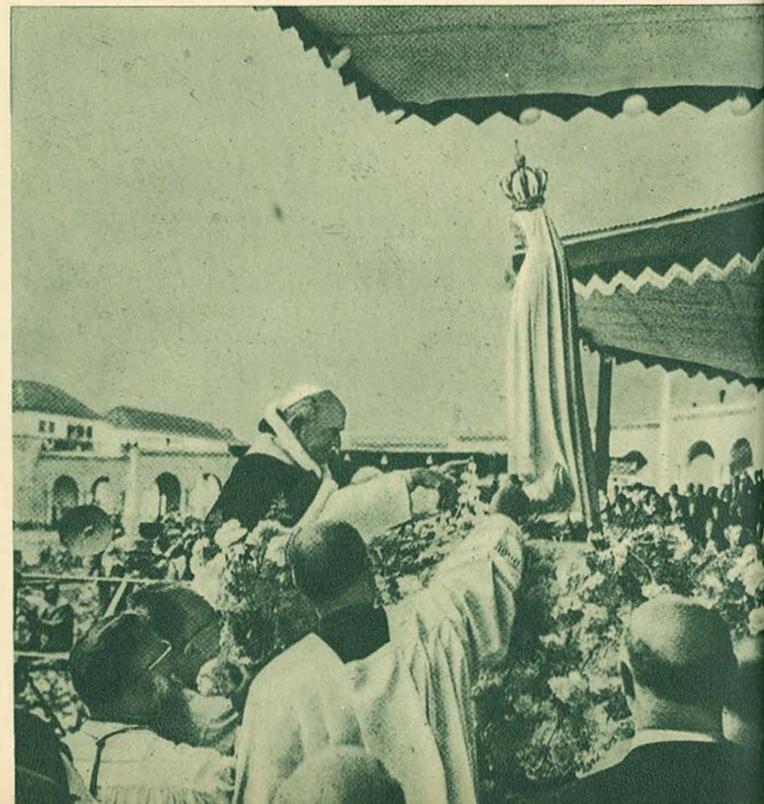
coração paternal de Paulo VI não pode ficar indiferente e, na encíclica *Populorum Progressio* chama a atenção dos povos que hoje são ricos para aqueles que sofrem a fome e apresenta possíveis remédios humanos de arranjos políticos, entendimentos económicos e novas estruturas sociais.

Porém, melhor do que ninguém sabe o Santo Padre que a verdadeira solução do problema já a pequena Jacinta a tinha previsto meio século atrás numa visão da Lapa do Cabeço. É a primeira condição do êxito, aquele «sine qua non», porque só a oração pode obter de Deus a bênção para as tentativas humanas. E Jacinta via:

— «Olha! não vês tanta estrada, tantos caminhos e campos cheios de gente a chorar com fome e não têm nada para comer? E o Santo Padre em uma igreja diante do Imaculado Coração de Maria a rezar? E tanta gente a rezar com ele...»

O Santo Padre a rezar diante do Imaculado Coração de Maria, acompanhado pela multidão de fiéis compadecidos! Que imagem tão bela! É do Evangelho: invocando o Coração maternal de Maria, Aquele que, a seu pedido, transformou a água em vinho para não deixar ficar mal o noivo das bodas de Caná, como havia de resistir, quando Maria Santíssima lhe mostra o Santo Padre acompanhado pela multidão dos fiéis, em súplica pelos que sofrem as guerras e as fomes?

(Continua na pág. 27)



Vi o Santo Padre, diante de uma grande igreja, a rezar ao Imaculado Coração de Maria, tendo ao redor dele enorme multidão de gente, vinda de toda a parte, faminta e angustiada.» — Visão da Jacinta relatada à Lúcia.

FAÚLHAS... de toda a parte

por Clarisse Lopo de Miranda

DIA LUSO

«Neste terreiro, repassado de História e de Glória, estão de pé os vivos e os mortos da nova gesta africana».

Um período preliminar do sensorial discurso proferido pelo Professor Doutor Miranda Barbosa, Vice-Reitor da Universidade de Coimbra.

Foi este o orador oficial das solenes cerimónias realizadas em Lisboa com o fim de comemorar os feitos heróicos dos militares que se distinguiram nas frentes de combate das nossas províncias ultramarinas.

Lastimamos mais uma vez não se coadunar a pequenês desta pobre página com a grandeza maravilhosa de todo o dizer do eloquentíssimo discurso. A sua publicação na íntegra daria a completa imagem da hora que passa: pois, como disse Sua Excelência:

— «É menos de recear a sorte das armas do que de temer a consuação dos espíritos».

E, mais adiante:

— «Esta é a situação em que forças estranhas e desconhecidas nos colocaram: desejando a Paz, temos de suportar a guerra, pois se a Índia não pôde salvar-se com a espada da Justiça, não poderá salvar-se Portugal em África sem a justiça da espada».

Estiveram presentes o Chefe do Estado, o Chefe do Governo, Ministros, os comandantes de todos os ramos das Forças Armadas, altas autoridades religiosas e civis, familiares dos heróis condecorados e a população sensibilizada de milhares de portugueses, presentes e assistentes pela Televisão.

No Porto, Tomar, Évora, Funchal e Ponta Delgada, este Dia de Portugal foi também consagrado aos heróis militares.

DIA DE CAMÕES — 10 DE JUNHO

Não teriam lugar noutra data mais própria os louvores tributados àqueles que perpetuam «As armas e os barões assinalados / Que entre gente remota edificaram / Novo reino que tanto sublimaram...» do que neste Dia comemorativo do «Génio Português», rimado nas estrofes incomparáveis de «Os Lusíadas».

Chamam-lhe muitos ao vate histórico Luís de Camões — «O Cantor de ressonâncias homéricas». Todas as comparações e adjectivações, afinal, resultam pobres! Neste rodar de quatro séculos da existência dessas páginas sempre vivas eternizando os heróicos primeiros quatro séculos da criação duma Pátria, toda a pléiade letrada de Portugal se tem esforçado por definir o Cantor de «Os Lusíadas» como lhe parece, desde o mais sublime ao mais estupendo ditaramo! No fim... nada ultrapassou ao que vemos nesta Hora: Santificado como «Dia de Portugal» e consagrado a distinguir os «Heróis do Mar»...

Outras individualidades também do «Nobre Povo» — representativas dos vários sectores da Vida Nacional, receberam condecorações no Palácio de Belém. Ainda o Chefe do Estado presidiu à homenagem prestada aos humildes professores primários de Portugal e Brasil, agradecendo alguns dos mais distintos com as insígnias da Ordem da Instrução Pública.

NA GLÓRIA DA PÚRPURA

No dia 3 de Julho realizou-se no Palácio Nacional da Ajuda a cerimónia já tradicional da imposição, pelo Chefe do Estado, do barrete cardinalício ao Pró-Núncio Apostólico em Lisboa, Rev.^{mo} Senhor Dom Maximiliano de Fürstenberg, elevado por Sua Santidade Paulo VI à glória da Púrpura Romana. Há um ano que foi também condecorado com a Grã-Cruz da Ordem de Cristo pelo Presidente Américo Thomaz.

Quando o Santo Padre, nos últimos dias de Maio, anunciou a nomeação de mais 27 cardeais, sendo aumentado para 120 o número de Membros do Sacro Colégio, todos os católicos portugueses se congratularam ao saber que era o nosso Núncio Apostólico um dos novos purpurados. O Senhor Dom Maximiliano de Fürstenberg, é natural da Holanda. Nascceu em Heerlen a 23 de Outubro de 1904. Tem, pois, 63 anos plenos de virtude e sapiência reveladas exuberantemente na sua natural distinção.

Tem o grau de Doutor em Teologia obtido na Pontifícia Universidade Gregoriana, foi eleito em 1949 Arcebispo titular de Palto e então iniciou Mons. de Fürstenberg a sua admirável carreira de diplomata como Intermine em Tóquio. Nunca será esquecido entre o clero japonês que tanto lhe deve durante os dez anos da sua zelosa actividade. Ali conheceu o Sr. Dr. Franco Nogueira, nosso actual Ministro dos Negócios Estrangeiros. Desde 1962 que veio para Lisboa, depois de ter exercido as suas funções na Austrália, Nova Zelândia e Oceania.

As inúmeras saudações dirigidas ao ilustre Purpurado pede a «Stella» para juntar a sua voz na exultação do mais humilde coro.

SANTO ANTÓNIO

Não é sem razão que Lisboa, a seu modo, se enche de alegria, tendo por base festejar o grande Santo Português.

Santo António, foi sem dúvida o primeiro arauto deste povo que nascendo tão humilde e minúsculo logo se tornou célebre como padrão missionário.

Em 1227 ainda o Santo Padre Gregório IX se deslocava a ir ouvi-lo pregar na Igreja de S. João de Latrão!

E logo em Maio de 1232 — um ano após a sua morte, este Pontífice Romano canonizava o grande taumaturgo Santo António.

Desde o século XIII, no dealbar da nossa nacionalidade, que temos um Santo bem português, uscido nas congostas de Alfama, a eternizar as «Terras de Santa Maria».

O «Padroeiro de Lisboa» foi proclamado por Pio XII em Janeiro de 1946 — Padroeiro da Igreja Universal. O povo simples, no seu júbilo inato, não sabe aquilatar o alto valor do titular Doutor da Igreja.

Sente na sua alma ingénua a protecção daquele humilde Menino do Coro da Sé de Lisboa a quem obedeciam as aves e era edificante em todos os seus actos. E, ci-lo no século XX, cantando exuberante o seu amor, a sua devoção feliz nas marchas alegres dos Bairros de Lisboa.

E, ci-lo, sete séculos depois, a aclamar o Santo da sua predilecção nos sessenta pares de noivos, em boa hora promovidos pelo «Diário Popular».

Bem haja a Câmara Municipal de Lisboa e os promotores dos «Cesamentos de Santo António», que tão belamente concretizaram a devoção popular.

CEM ANOS DEPOIS...

«Ao Visconde de Seabra e ao Código de 1867 não tem o País que agradecer somente a larga messe de frutos que foi possível colher até hoje, à sombra, propiciadora de novos princípios, no solo fecundo do direito constituído; à legislação individualista e liberal devem ainda os jurisconsultos muitas das soluções que transitam do velho para o novo sistema e muitos dos ensinamentos da moderna ciência jurídica, que durante longos e dilatados anos hão-de reverter ainda em proveito da comunidade».

Afirmação do Sr. Ministro da Justiça, Prof. Antunes Varcla no seu discurso de encerramento da sessão solene de homenagem ao Visconde de Seabra e ao Código Civil de 1967, realizada no Palácio da Justiça do Porto. Nesta luzida sessão a enaltecer o insigne jurisconsulto Desembargador António Luís de Seabra que soube erguer o grande monumento jurídico português que foi o Código Civil de 1867, tomaram parte os Ministros da Justiça de Portugal e do Brasil e foram oradores o Presidente da Relação do Porto, Conselheiro Ariundo Martins e o Desembargador Senhor Dr. Abel de Campos que se ocupou do «Perfil do Visconde de Seabra» por as mesmas funções que foram desempenhadas pelo homenageado na Relação do Porto.

A evocação do Homem que há cem anos soube afirmar-se como um dos maiores juristas portugueses, foi resumida nestas conclusões do Senhor Ministro da Justiça: «Honra e Glória ao Visconde de Seabra!» «Lavour e Glória ao Código Civil de 1867».

QUATRO DIAS!

Os dias 6, 7, 8 e 9 do passado mês de Junho de 1967 ficaram marcados nos futuros compêndios da História Universal com mais um episódio bélico deveras sensacional: A guerra no Médio Oriente! Os israelitas e os árabes a ferro e fogo.

As notícias do Cairo, no dia 5 de Junho, anunciaram: «Israel desencadeou às 6 horas (T. M. G.) uma agressão ao território egípcio».

Os primeiros combates foram em volta do Golfo de Akaba. No dia seguinte as tropas israelitas ocupam Gaza e a cidade velha, a cidade Santa, de Jerusalém.

No dia 8 chega a notícia de terem as colunas motorizadas israelitas atingido o Canal de Suez e terem rompido o bloqueio ao Golfo de Akaba.

Em 9 de Junho ouvem-se os apelos do cessar fogo, dominando Israel toda a zona do Suez sem terem perdido a menor parcela do seu território.

Esta lição «vale um queijo» tal como diria a raposa ao corvo... e oxalá aproveite a muitos...

Os 21.000 quilómetros quadrados do perseverante povo judaico, estavam cercados por Estados Árabes com uma superfície territorial a mais de 8 milhões de quilómetros quadrados. Este mundo árabe existia com uma desproporção de populações muitas vezes superior ao insignificante Estado de Israel. Mas... os factores importantíssimos de ordem psicológica, social e racial assistiam ao inquebrantável povo de Israel... E, eis o segredo da vitória.

APONTAMENTOS — «BRANCOS»

Em Carnide foi erigido um singelo monumento ao sempre lembrado e já «canonizado pelo povo» — Santo Padre Cruz. Feliz iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa.

* * *

O Ministro da Justiça do Brasil, Prof. Gama e Silva recebeu em Coimbra o Grau de Doutor «Honoris Causa».

* * *
O Chefe do Estado — Almirante Américo Thomaz, acompanhado de membros do Governo, Corpo diplomático e outras altas individualidades, inaugurou em Santarém a *XIV Feira do Ribatejo*.

* * *
O Ministro do Ultramar, Prof. Silva e Cunha visitou a nossa província de Angola, declarando ao desembarcar no Aeroporto de Lisboa: *«Devemos estar orgulhosos da obra que a Nação realiza em Angola»*.

* * *
O «Dia da Mãe» foi comemorado com diversas cerimónias em todo o Portugal, sendo consagradas a Nossa Senhora as Mães Portuguesas. No Palácio de Belém foram entregues prémios a algumas famílias virtuosas, sendo a distribuição feita pelo próprio Chefe do Estado e sua Esposa. Uma delegação da Mocidade Portuguesa, entregou à Ex.^{ma} Senhora de Rodrigues Thomaz um ramo de flores.

* * *
A «Legião Portuguesa» mandou celebrar no Parque Eduardo VII uma solene Missa Campal comemorativa do «28 de Maio». Em todos os comandos distritais houve várias cerimónias comemorativas do início da Revolução Nacional.

* * *
O Marechal Castelo Branco, em viagem particular, ao desembarcar no Aeroporto da Portela, disse:

«Venha a Portugal buscar dias de repouso e rever não só a terra como a sua gente da qual descendo. É, pois, com o coração e com os melhores cumprimentos que apresento as minhas saudações ao povo português».

* * *
De Gaulle e Kossyguine tiveram um encontro a seis de mais de duas horas, trocando opiniões sobre a situação no Médio Oriente à luz dos últimos acontecimentos. Nesse dia — 17 de Junho — houve em Nova Iorque uma assembleia geral da O. N. U.

TAMBÉM NÓS...

No grande concurso da «Mulher Ideal da Europa de 1967» a realizar em Agosto nas termas de Montecatini, em Itália, também o nosso Portugal terá a sua representação.

A selecção foi feita de acordo com os moldes internacionais e o júri escolheu Susana dos Santos Horta, solteira, de 34 anos, natural de Lisboa. Esta selecção da «Mulher Ideal Portuguesa» foi organizada pela revista «Donas de Casa» que promoveu pela segunda vez esta eleição nacional, tornando-a este ano extensiva às províncias ultramarinas, havendo assim uma representante de Angola e outra de Moçambique.

Após uma escolha inicial através das respostas aos questionários de 14 perguntas e das fotografias das inscritas, foram as seis mais votadas submetidas a provas práticas de diversas matérias: *costura, bordados, «crochet», «tricot», decoração, culinária e cultura geral*.

A vencedora Susana dos Santos Horta foi proclamada num jantar em honra das seis finalistas com a presença do Embaixador da Itália e muitos outros ilustres convidados.

UM MODELO

«Tenho muita honra, minha Senhora, em me associar a esta festa de homenagem, e tenho a maior alegria de ser eu, pelas minhas mãos e por encargo do Chefe do Estado, que irei impor no peito de V. Ex.^a. A «COMENDA DA ORDEM DE BENEMERÊNCIA», justo prémio de toda a vida de BEM-FAZER que V. Ex.^a tem praticado».

Palavras finais do discurso proferido pelo Sr. Ministro do Interior na sessão solene realizada no Salão Nobre da Câmara de Macedo de Cavaleiros em homenagem à grande benemérita, Senhora D. Maria da Conceição Pinto de Azevedo.

Não é a primeira vez que nos referimos ao alto exemplo dado pela magnânima Família do grande Benemérito Pinto de Azevedo. Já na «Stella» de Maio e Junho de 1965, sob a epígrafe «A medalha de ouro», se regista a distinção concedida pelo Sumo Pontífice Paulo VI agradecendo a Senhora D. Laura Pinto de Azevedo com aquele galardão instituído para os grandes beneméritos da Religião Cristã. Assim:

Sua Santidade o Papa Paulo VI concedeu a «Medalha de ouro» à Mãe da Senhora D. Maria Pinto de Azevedo, após a construção por ela generosamente oferecida da Igreja de Vale Pradinhos.

O Chefe do Estado, Almirante Américo Thomaz distingue a filha da Senhora D. Laura Pinto de Azevedo concedendo-lhe oportunamente a «Comenda da Ordem de Benemerência» após a sua admirável actuação na prática de múltiplos aspectos da Caridade, a grande virtude de um modelo Cristão.

DONA MARIA PINTO DE AZEVEDO — TRASMONTANA E BENEMÉRITA

No «Mensagem de Bragança», de 23 de Junho passado vem na primeira página a concluir na quarta, também referências a esta benemérita Senhora.

«A cedência de casas totalmente mobiladas para funcionamento da escola e residência da professora primária; a conclusão de um bairro, totalmente mobilado, para os pobres de Vale Pradinhos; a construção

Eu vi a Fé nos seus olhos.

Nos olhos dos peregrinos. De todos os peregrinos que, de localidades próximas, pelos atalhos íngremes e pedregosos dos montes, ou de terras distantes, galgando quilómetros e quilómetros de estradas nacionais e internacionais, vêm a Fátima a pé. ... Vir a Fátima a pé tem um significado de penitência.

Exprime o desejo de oferecer à Virgem um sofrimento. Sofrimento que pode ser súplica. Sofrimento que pode ser gratidão.

Eu vi a Fé nos seus olhos.

Nos olhos do velhinho curvado, mirrado e humilde para quem esta caminhada pode ser a última.

Nos olhos ansiosos da mulher enrugada, mais gasta talvez pelos trabalhos e pelas conseiras de uma vida dura do que pelos anos.

Nos olhos saudosos da rapariga airosa que vem em romagem de sacrifício pedir pelo noivo ausente.

Nos olhos resolutos do rapaz que, no limiar da vida, está consciente das exigências do seu cristianismo.

Nos olhos deslumbrados das crianças — outras tantas Lúcias, outros tantos Franciscos, outras tantas Jacintas.

Nos olhos arrependidos de penitentes que vêm pedir perdão e prometer vida nova.

Nos olhos embaciados do doente que, mais do que o milagre da cura, pede a aceitação da dor.

Nos olhos angustiados da mãe que não consegue conformar-se com o sofrimento de um filho.

Nos olhos erguidos do jovem sacerdote para quem a doação é uma alegria.

Eu vi a Fé nos seus olhos.

...Vi-a nos olhos de todos os peregrinos...

Dos que pedem para si, para os seus, para a Pátria, para o mundo.

Vejo a Fé nos olhos da multidão que caminha...

Comovem-me os que vêm, ansiosos e aflitos, suplicar.

Enternecem-se os que vêm, felizes, agradecer.

Mas, acima de tudo, admiro a Fé que vejo nos olhos de alguns...

Daquelles que poderiam repetir as palavras lindas que Claudel pôs na boca do rude camponês que entrava numa igreja, se sentava a olhar o altar da Virgem, e dizia apenas:

«Mãe de Jesus Cristo, eu venho rezar.

Nada tenho a oferecer e nada a suplicar.

Venho somente, Maria, para olhar para Ti.

Olhar, chorar de alegria, saber o que sei:

Que eu sou Teu filho e que Tu estás aqui...» (1)

Eu gosto da Fé dos que não vieram pedir.

Eu gosto da Fé dos que não vieram agradecer.

Eu gosto da Fé dos que vieram só por amor...

MARIA DE MELO

(1) «Mère de Jésus-Christ, je ne viens pas prier. Je n'ai rien à offrir et rien à demander. Je viens seulement, Marie, pour Vous regarder. Vous regarder, pleurer de joie, savoir cela: Que je suis votre fils et que Vous êtes là...»

(juntamente com a Senhora sua Mãe) da igreja local, templo que importou em mais de dois mil contos; a urbanização da localidade; a oferta do terreno para o bairro do património dos pobres de Mirandela; avultados auxílios financeiros a Casas do Povo, Bombeiros e Hospitais; a criação da óptima estalagem de Macedo de Cavaleiros, mantendo-a sem lucro; a protecção dispensada ao Patronato de Bragança e ao Asilo das crianças «Duque de Bragança», naquela cidade; imensas consoadas e folares; assistência médica, medicamentosa e cirúrgica a gente pobre; avultado fornecimento mensal de géneros à pobreza; bolsas de estudo a estudantes pobres, assistência a famílias de soldados no Ultramar, e, enfim, tantas e tantas realizações que têm saído silenciosamente, mas em caudal ininterrupto, da alma singularmente cristã de Dona Maria Pinto de Azevedo. Eis porque esta ilustre Senhora constitui paradigma edificante de altíssima conduta de quem, podendo, jamais esquece os que precisam.

FÁTIMA, no dia 13 de Maio de 1967, foi para o Mundo, um acontecimento dos mais grandiosos, que atingiu o auge de toda a sublimidade, e entre todas as maravilhas, foi a que mais eloquentemente, nos apresentou aos nossos olhos, diante da maior multidão que até hoje um Papa conseguiu reunir, qualquer coisa de divino, que nos fez viver na terra como no céu, um dia repleto de graças.

Diante daquele mar de gente, que parecia não ter limites, o Céu, abria as suas portas e como no dia de Pentecostes, descia sobre cada um de nós o Divino Espírito Santo.

Naquele dia, diz Jesus no seu Evangelho: Se alguém me ama, guardará a minha palavra; assim estavam todos os peregrinos em Fátima, mostrando o seu amor de filhos leais e verdadeiros a Cristo o ao Pai, porque aguardavam ansiosos a sua palavra de fé e de salvação, na palavra do seu tão digno representante, Sua Santidade o Papa, Paulo VI.

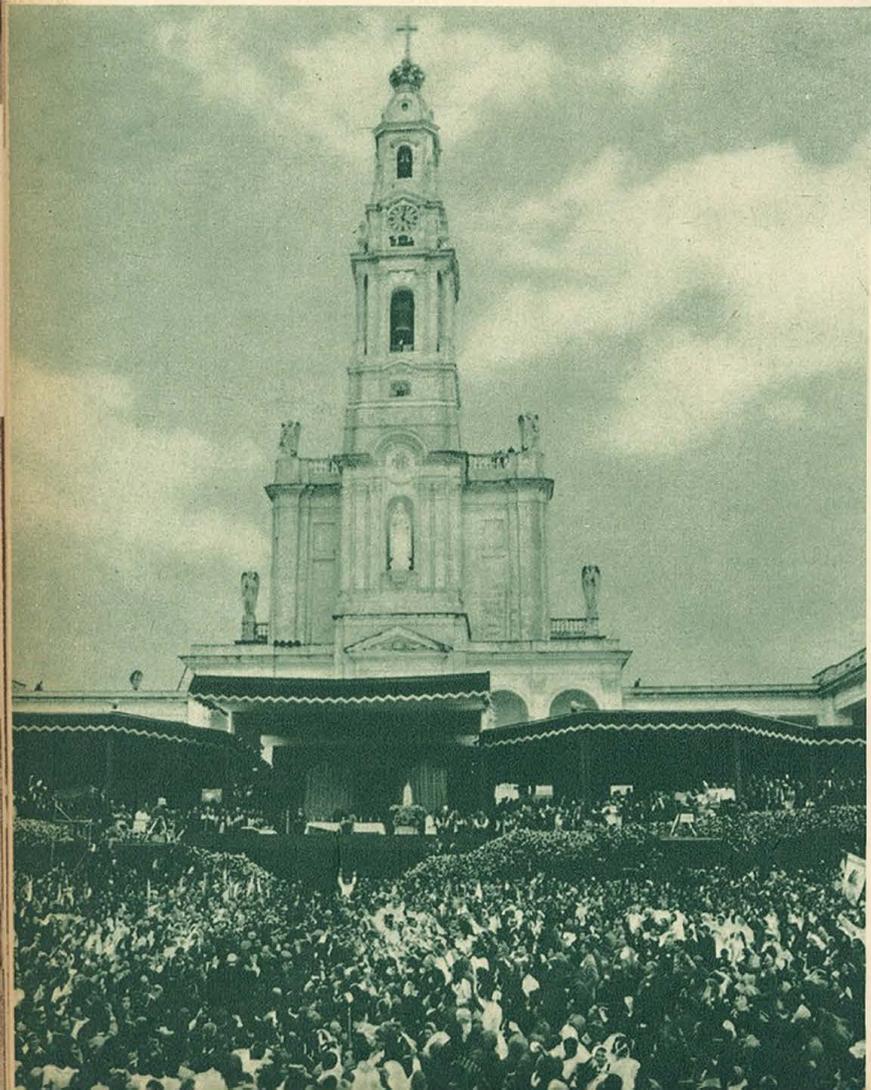
Naquele dia, também, estavam reunidos com Nossa Senhora, no Cenáculo, os Apóstolos, para receberem o Divino Espírito Santo!

Assim, também, os peregrinos de Fátima, estavam de volta da Mãe de Deus, que ali aparecera havia cinquenta anos, trazendo-nos do céu uma grande mensagem!

Naquele dia, também nos diz a epístola, que de repente veio do céu um ruído, como de vento que soprava impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados.

Assim, sentiram também, os peregrinos de Fátima, como que um vento impetuoso, naquele acenar maravilhoso de milhares de lenços brancos que, num agitar tão fremente, parecia uma rajada de vento, que enchia todo o recinto e dava a impressão que alguma coisa ia acontecer.

E num dado momento de tanta emoção, sem precedentes, algo do estranho sentia-se tão forte e tão vemente, dentro de todos nós



peregrinos, que experimentávamos uma nova vida, que acalentava os nossos corações de fogo abrasador e as nossas almas em transportes de tanta alegria, como que a receberem graças do céu!

E os nossos olhares, como que eletrizados, fitavam o horizonte e viam mais claro o mais estupendo privilégio e a maior graça de Deus, na aproximação daquela deslumbrante Figura, irradiante de tanta glória, do Supremo representante de Cristo na terra, de semblante tão humilde, tão paternal e tão cheio de bondade, que era ao mesmo tempo a personificação da Caridade e do amor de Cristo!

De braços abertos, erguidos para o alto, e de olhar tão meigo e tão alegre, inclinado para a multidão que o aclama tão freneticamente, o Santo Romeiro e Peregrino da Virgem de Fátima, vindo ao nosso encontro, dava-nos a impressão de uma visão beatífica, a lançar bênçãos e graças, irradiando as nossas almas de alegrias e indizíveis!

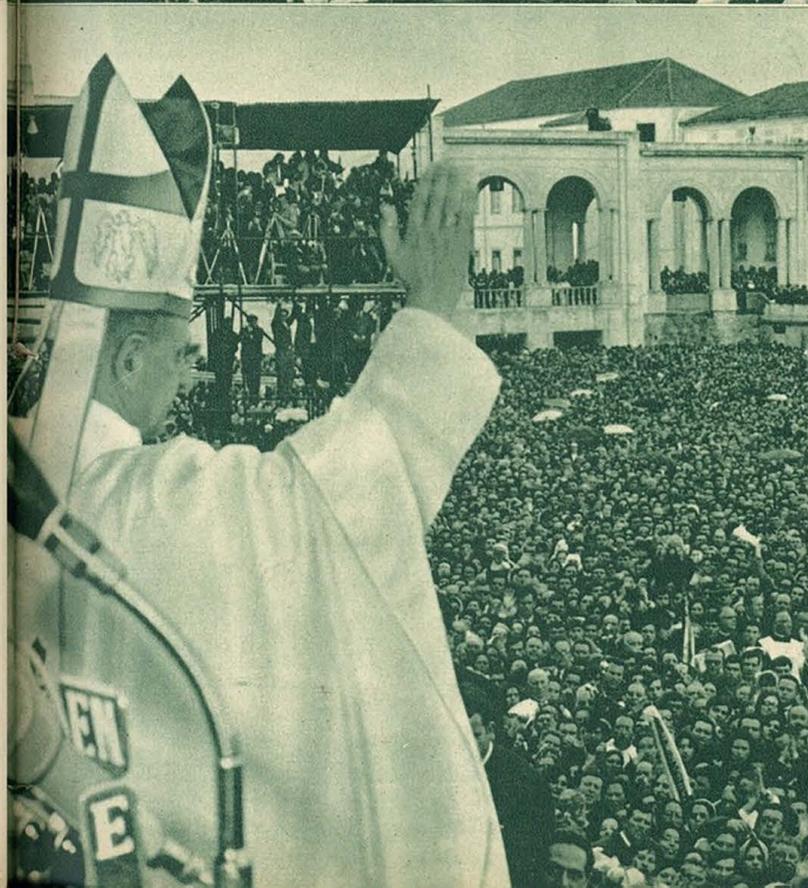
Assim, chega, até nós, o Vigário de Cristo, o Papa Paulo VI!

Vem do Vaticano, trazer-nos a sua palavra de fogo ardente, palavra de fé, de Salvação, Esperança e de Amor!

Vem ao nosso encontro, para conosco, como Peregrino e Romeiro implorar da Virgem de Fátima a paz para todos os povos!

Para venerar Nossa Senhora, invocar a sua intercessão a favor da Paz, da Igreja e do Mundo!

(Continua na pág. 27)



Fátima ESPERANÇA do Mundo

Por
P.e Silva Bello



A HORA ESTÁ PRÓXIMA!

A feliz expressão de S. E. o Sr. Cardeal-Patriarca de Lisboa: «Fátima é coisa séria!» tornou-se um tópico. Não gosto dos tópicos nem de usar expressões alheias, mas neste caso quase me veio forçado a empregá-lo. Estamos no Cinquentenário das Aparições de Nossa Senhora na Cova da Iria e o Cinquentenário é uma coisa séria.

Não é apenas sério pela importância que cinquenta anos têm sobre qualquer pessoa ou acontecimento: idade madura em que já se pode aquilatar ou aferir do real valor da pessoa ou da coisa, mas sobretudo sério pelo que representa. Os cinquenta anos sobre as Aparições da Santíssima Virgem são como que um tribunal aberto para a consciência de todos os católicos portugueses que durante eles tiveram oportunidade de conhecer o facto das Aparições e principalmente o seu objectivo. Nossa Senhora não veio fazer turismo a Portugal. Se tivesse vindo fazê-lo, certamente teria escolhido lugares mais aprazíveis. Não veio passear senão pregar uma doutrina ou, como se diz já a propósito de todas as ideias mais ou menos originais, uma Mensagem. Apenas com a diferença de que tais mensagens são vulgares, isso e nada mais; e a Mensagem da Virgem Maria é uma Mensagem invulgar. Primeiro porque é o resumo de uma mensagem tão velha como a nossa era cristã, a do Evangelho; segundo porque posta em palavras simples que todos podem compreender.

Por essas razões o Cinquentenário é coisa séria; exige uma revisão, um exame de consciência, sobretudo a nós, portugueses, aos quais a Virgem se dirigiu em primeiro lugar e aos quais deu as Suas primeiras e extraordinárias graças.

Como escutámos nós as palavras da Mãe do Céu? Fomos como aqueles de quem fala o Evangelho que, sem profundidade, cheios de preocupações e ambições terrenas, não deixámos que crescesse em nós a semente divina? Ou antes como a boa terra que, tendo-a recebido, produziu os frutos correspondentes? Só cada um de nós poderá dar uma resposta cabal a estas perguntas. Não nos compete julgar nenhum dos nossos irmãos. Se alguma coisa podemos fazer nesse sentido, é de um modo genérico, afirmando, com uma verdade que a todos está patente, que ainda se não cumpriu na má letra nem no espírito, o que Nossa Senhora nos pediu.

O Cinquentenário vem recordar-nos tudo isso:

Neste primeiro contacto com os leitores não vamos além de um convite genérico para que se associem, de qualquer modo, às comemorações que vão ter lugar na Cova da Iria e noutros pontos do País, embora com carácter menos universal. Associar-se de qualquer modo não significa que seja suficiente participar nalguma das muitas peregrinações à Cova da Iria, nem vamos insistir nisso, não vamos dizer-lhes que venham todos sem falta; assistir pela televisão ou pela rádio às cerimónias que aqui vão realizar-se; contribuir para qualquer festividade que se realize nas suas respectivas paróquias ou lugares. Isso não basta. Associar-se quer dizer muito simplesmente entrar dentro do espírito da Mensagem da Virgem: Penitência e Oração, pelo resumo do Evangelho, recomençando uma vida mais autenticamente cristã: Meio a que podem ajudar a esta participação efectiva, valerá a pena lembrá-los? Talvez: uma confissão bem feita; um sentido profundo da justiça e uma grande caridade para com o próximo.

O tempo urge. Para todos que estão dispostos a vir à Fátima durante o ano cinquentenário aqui fica este primeiro apelo.

INDULGÊNCIAS E PRIVILÉGIOS ESPIRITUAIS DURANTE O CINQUENTENÁRIO

Pela Sagrada Congregação dos Ritos, Rescritos de 9.2.1967
O Santo Padre concedeu que:

1.º—No Santuário de Fátima, durante o Cinquentenário

das Aparições, os sacerdotes peregrinos, observadas as rubricas, possam celebrar, como missa votivas de II classe, a do Imaculado Coração de Maria ou de Nossa Senhora do Rosário, a título pessoal ou a favor dos peregrinos;

2.º—Em todas as igrejas e santuários do mundo católico, dedicadas a Nossa Senhora de Fátima, se possam celebrar nos sábados do Cinquentenário, como missas votivas de II classe, a do Imaculado Coração de Maria ou a de Nossa Senhora do Rosário, contanto que se observem as rubricas.

Pela Sagrada Penitenciária Apostólica, Rescrito de 1.10.1966

O Santo Padre Paulo VI concede uma indulgência plenária, por cada dia, a todos os fiéis que, devotadamente, visitem o Santuário de Fátima, individual ou colectivamente, durante o Cinquentenário das Aparições, e ali orem segundo as suas intenções. Para lucrar estas indulgências torna-se necessário a confissão e a comunhão.

Concedeu ainda, ao Senhor Bispo de Leiria ou a qualquer Prelado, em que ele delegue, a faculdade de dar uma vez, por ocasião da solenidade principal do mesmo Cinquentenário, a Bênção Papal, a que está anexa uma indulgência plenária, que pode ser lucrada por todos os fiéis que, devidamente preparados pela confissão e comunhão, reze segundo as intenções do Sumo Pontífice.

PEREGRINAÇÃO A FÁTIMA DOS AVIADORES FRANCESES

Uma peregrinação de aviadores franceses visitou Fátima de 2 a 4 de Maio, por motivo do Cinquentenário das Aparições da Virgem aos Pastores. A «Association du Pèlerinage International des Ailes» ofereceu aos aviadores franceses e às suas famílias transportes por via aérea, mas muitos dos peregrinos seguiram da França para Portugal nos seus próprios aparelhos aterrando nos aeroportos e pistas mais próximas do Santuário da Cova da Iria.

O. F.

ORAÇÕES EM FÁTIMA PELA PAZ

O Senhor Bispo de Leiria determinou que na Capela das Aparições de Fátima, diante da imagem de Nossa Senhora, se faça oração continua pela Paz, gravemente ameaçada. Assim existem devotos constantemente, de dia e de noite, em oração no local onde Nossa Senhora apareceu e onde o Papa Paulo VI no dia 13 de Maio fez um apelo e oração fervorosa pela Paz.

O Senhor Dom João Pereira Vêncio enviou a Sua Santidade, o seguinte telegrama: «Consternado graves notícias momento internacional Santuário Fátima em oração continua junto Nossa Senhora acompanha intimamente Vossa Santidade Suas augustas intenções Paz. Bispo Leiria».

CINQUENTENÁRIO DE FÁTIMA

DEZENAS DE MILHAR DE PEREGRINOS DA DIOCESE DE AVEIRO

Presidida por Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Dom Manuel de Almeida Trindade, efectuou-se no passado dia 4 de Maio a peregrinação diocesana de Aveiro para comemorar a jubileu das aparições de Nossa Senhora de Fátima.

Vieram peregrinos de todas as paróquias da Diocese com os seus párocos, em dezenas de camionetas e automóveis.

As 11 horas efectuou-se a concentração à entrada do recinto realizando-se um cortejo para a Capela das Aparições, com o Senhor Bispo, Cônegos, do Cabido, Arciprestes, e Párocos da diocese aveirense. Em seguida o Senhor Bispo celebrou missa com 13 sacerdotes da sua diocese e fez uma homilia. Mais de 5000 peregrinos receberam a sagrada comunhão.

As cerimónias terminaram com a bênção aos doentes, consagração da diocese a Nossa Senhora e procissão do Adeus.

5000 EMPREGADAS DOMÉSTICAS EM FÁTIMA

A Obra de Protecção e Formação das Criadas organizou uma concentração das suas filiais em Fátima, por motivo das comemorações jubilares. Estiveram presentes para cima de 5000 filiais das dioceses de Braga, Porto, Lamego, Viseu, Guarda, Portalegre, Castelo Branco, Évora, Faro, Lisboa, Leiria, Coimbra e Aveiro.

No domingo à noite efectuou-se uma grandiosa procissão de velas com hora santa pregada por Frei Jerónimo Souto. No dia seguinte o Senhor Dom Domingos de Pinho Brandão, Bispo Auxiliar de Leiria, celebrou a missa e dirigiu a sua palavra opeficistas.

Efectuou-se ainda uma reunião de assistentes e dirigentes da O. P. F. C. sob a presidência do P. António Craveiro Viegas, director nacional da Obra. Estiveram presentes 30 assistentes eclesiásticos.

As cerimónias desta peregrinação terminaram com a recitação de um coro falado e a procissão com a imagem de Nossa Senhora.

PEREGRINOS IRLANDESES E ESPANHÓIS

Numerosos grupos de peregrinos estrangeiros têm vindo a Fátima. No dia 4 estiveram 60 peregrinos da Irlanda, conduzidos por dois sacerdotes de Dublin, os quais celebraram missa na Capela das Aparições. Também estiveram 118 peregrinos de Cáceres.

MINISTRO DA JUSTIÇA DO BRASIL

A caminho de Coimbra veio a Fátima o Ministro da Justiça do Brasil acompanhado do Ministro da Justiça do nosso País e outras personalidades.

PEREGRINOS BRASILEIROS

Mais de duas centenas de peregrinos do Brasil vieram a Fátima nestes dois últimos dias. Estiveram na Cova da Iria 50 peregrinos de S. Paulo que assistiram a uma missa concelebrada pelos sacerdotes que vinham incorporados na peregrinação, e 55 peregrinos do Recife, como convidados pelos Transportes Aéreos Portugueses. Estes peregrinos foram recebidos em Fátima pelo Cônego Dr. José Galamba de Oliveira, vice-presidente da Comissão Executiva das Comemorações Cinquentenárias.

CAMPANHA EM ANDAMENTO

Graças ao Imaculado Coração de Maria, a Campanha Universal de Missas, tem sido acolhida com grande entusiasmo, por parte de todos os Srs. Bispos do mundo inteiro.

Diariamente chegam à Comissão Central do Cinquentenário, cartas de todas as partes, com grandes aplausos, aderindo à Campanha de Missas, louvando tão feliz iniciativa, que tão bem se enquadra na Mensagem de Fátima, em que Nossa Senhora pede orações pela paz dos povos e pelo triunfo do Seu Imaculado Coração.

Esperamos que todos os católicos, ao tomarem conhecimento da primeira notícia da nossa Campanha, a leiam com grande entusiasmo e a tomem para si, aderindo a ela, de alma e coração, mandando celebrar missas, pelas intenções já recomendadas na Campanha, enviando donativos para as mesmas, aos Párocos ou aos Srs. Bispos, para que sejam celebradas durante este tempo, no Santuário de Fátima ou nas paróquias, ou nas igrejas ou Santuários consagrados a Nossa Senhora.

Para maior interesse de todos os católicos, transcreveremos nesta primeira notícia, as mais lindas e interessantes de algumas respostas, que nos enviaram alguns Srs. Bispos, mostrando-nos o entusiasmo com que acolheram a nossa Campanha.

No Santuário da Fátima, celebrar-se-á diariamente, às 10 horas uma missa pela intenção recomendada na Campanha, durante todo o ano jubilar.

Em Santiago de Compostela, recebi a magnífica iniciativa da Campanha Universal de Missas.

Cumprimo-me manifestar-lhe, que aderimos com a maior satisfação à Campanha e demos as nossas ordens, para que em nossa diocese todos se incorporem fervorosamente e com o mais vivo desejo mandem celebrar Missas pela intenção recomendada. — Arcebispo de Santiago de Compostela.

De Saragoça. — Quero comunicar à Comissão Central, que no Santo Templo Metropolitano Basílica del Pilar, será celebrada uma missa diária, pela Paz do mundo e pelo Triunfo do Imaculado Coração de Maria, e que essa será a última da tarde.

Esta celebração será durante todo o ano jubilar, e a primeira missa a 13 de Maio, será celebrada por mim mesmo. — Arcebispo de Saragoça.

De Tulancingo (México). — Recebi da Comissão Central e com tão louvável iniciativa não posso não achar uma acolhida entusiástica.

Com toda a nossa autorização, recomendamos a todos os Reitores das igrejas dedicadas à honra da Santíssima Virgem, providenciam, para que em todo o Ano Jubilar, seja celebrada diariamente, uma missa pela intenção do cumprimento da Mensagem da Fátima e pela Paz do Mundo inteiro, o que se fará somente no Santuário de Nossa Senhora Rainha dos Anjos, padroeira desta Diocese.

Por ocasião do Ano Jubilar, lembramos também não só a todos os Reitores das igrejas como a todos os Capetães de capelas e Superiores de casas religiosas, a renovação da consagração do mundo, ao Imaculado Coração de Maria. — Bispo de Tulancingo.

De Tanger. — Recebi a circular da Campanha para a Cruzada Universal de Missas. E com grande satisfação que esta diocese se une ao Santo Padre nos esforços pela paz do mundo e é um dever da nossa parte como filhos devotos, contribuir para

a difusão do Reino do Coração de Maria, conforme ela mesmo pediu na Fátima.

Farei com que todos mandem celebrar as missas pela intenções já mencionadas, durante o Ano Jubilar. — Arcebispo de Tanger.

De Palencia. — Saúdo a Comissão Central do Cinquentenário e de coração aderimos à Cruzada Universal de Missas mandando-as celebrar nas Igrejas e Santuários de Nossa Senhora, pelo triunfo do Seu Imaculado Coração de Maria e pela Paz do Mundo.

Em Junho próximo estaremos aí com a peregrinação da nossa Diocese, nesse lugar santificado pela visita de Nossa Senhora. — Bispo de Palencia.

De Portugal (Diocese de Malange). — É com a maior satisfação que respondo à sua circular, lançando a Cruzada Universal de Missas, durante o Ano Jubilar, em união com o Santo Padre, implorando a Paz para o mundo por intermédio do triunfo do Imaculado Coração de Maria.

Aderimos e encorajamos tão feliz, oportuna e eficaz Cruzada em favor da Paz do Mundo, tão ligada à Mensagem da Fátima.

Na cidade de Malange a iniciativa foi acolhida com entusiasmo e fica assegurada a missa diária na Sé Catedral, dedicada a Nossa Senhora e espero ter resposta favorável de outros pontos da Diocese.

Nos lugares mais pobres do interior será mais difícil assegurar missas diárias, mas todos os sábados e festas de Nossa Senhora é possível. Com meus respeitosos cumprimentos, Bispo de Malange.

Com respostas tão consoladoras, que vêm animar tão entusiasticamente a nossa Cruzada de Missas, católicos do Mundo inteiro, vamos todos à uma, em união com o Santo Padre, Paulo VI, trabalhar de verdade pela nossa Campanha.

AS CRIANÇAS E O CINQUENTENÁRIO DE FÁTIMA

A Comissão Central do Cinquentenário das Aparições da Fátima, vai lançar uma grande campanha para levar todas as crianças a viverem e cumprirem a Mensagem da Fátima.

Podem a todas as crianças que imitem os pequeninos videntes oferecendo como eles, à Senhora muitas orações, comunhões, terços e sacrifícios.

O mesmo Secretariado oferece gratuitamente os pequeninos impressos para as crianças apontarem as boas obras feitas. Podem requisitá-los à

Comissão Central do Cinquentenário — Crianças
— Fátima —

O conjunto de todos esses impressos formará o grande ramallete espiritual, que será deposto aos pés de Nossa Senhora por duas crianças de cada Diocese, em duas solenidades a realizar uma no decurso deste ano, outra no ano que vem.

50 MIL PEREGRINOS NO DIA DA MÃE EM FÁTIMA

Duas grandiosas peregrinações trouxeram à Cova da Iria, no dia em que todo o mundo comemora o «Dia da Mãe», para cima de 50 mil pessoas. Vieram de Coimbra numa grandiosa peregrinação diocesana para comemorar o jubileu das aparições, do Porto e outras terras do Norte, organizadas pela Associação de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, dos padres Redentoristas; de Almeirim (Fazendas) sob a presidência do pároco desta localidade; de Lisboa e diversas outras procedências.

Além de outros actos religiosos, como procissão de velas, hora santa e via-sacra, houve uma missa solenizada com cânticos, celebrada pelo Senhor Arcebispo-Bispo de Coimbra, D. Ernesto Sena de Oliveira. Nela tomaram parte mais de duas dezenas de sacerdotes (entre os quais um grupo que veio a pé desde Leiria), cônegos do Cabido de Coimbra, o provincial dos padres Redentoristas e outros sacerdotes desta Congregação. Na altura própria fez a homília o Senhor Dom Francisco Rendeiro — Bispo coadjutor de Coimbra. Um coro de sacerdotes e seminaristas entoou os cânticos.

Depois da missa o Senhor Arcebispo de Coimbra deu a bênção com o Santíssimo Sacramento a vários doentes, entre os quais se contavam 30 alunas surdas-mudas do Colégio da Imaculada Conceição, do Porto.

As cerimónias terminaram com a procissão com a imagem de Nossa Senhora desfilando o altar exterior da Basílica para a Capela das Aparições. Na procissão incorporaram-se para cima de cem estandartes de paróquias, Acção Católica e outras Associações religiosas.

UMA CENTENA DE PRIMEIRAS COMUNHÕES NO DIA DA MÃE

Em Fátima, cerca de cem crianças fizeram a sua primeira comunhão e reuniram-se depois, juntamente com outras centenas de crianças numa missa solene, seguida da consagração a Nossa Senhora das mães da paróquia de Fátima. Organizada pelo Pároco de Fátima, P. Manuel António Henriques efectuou-se uma festa infantil em homenagem às mães.

Toda a paróquia tomou parte nessa assembleia recreativa.

A MOÇIDADE REZA POR PORTUGAL

6000 FILIADOS DA MOÇIDADE PORTUGUESA EM FÁTIMA NO «DIA DE PORTUGAL»

CONSTITUIU um magnífico espectáculo de fé e amor à Virgem de Fátima, a Peregrinação Nacional da Juventude realizada nos dias 10 e 11 pela Mocidade Portuguesa.

Jovens de ambos os sexos, de todos os pontos do País, vieram para agradecer as aparições de há 50 anos, para pedir a Paz e para suplicar pelos dirigentes da Nação. A concentração efectuou-se em S. Jorge, na Batalha. A última parte do percurso para Fátima (4 km) foi feita a pé em oração, por penitência.

Os jovens tomaram parte num grandioso desfile com centenas de estandartes e guifões, e estiveram presentes na procissão eucarística na noite do dia 10.

Na manhã do dia 11 tomaram parte na missa celebrada pelo Senhor Arcebispo Primaz de Braga, antigo assistente nacional da M. P. havendo-se abeirado da Sagrada Comunhão mais de 70 % dos jovens-peregrinos. Acto contínuo, seguiu-se nas colunatas, a celebração da Santa Missa para os 100 doentinhos que, a convite especial da assistência religiosa da M. P., tomaram parte na Peregrinação Nacional da Juventude. Mais tarde ofertaram 50 paramentos ao Santuário para celebrações, tomaram parte na procissão com a imagem de Nossa Senhora, e realizaram a consagração da Juventude de Portugal.

A todos estes actos assistiram os Senhores Ministro da Educação Nacional e esposa, Subsecretários da Administração Escolar e da Juventude e Desportos, comissários da M. P. e da M. P. F., delegados distritais, deputados, mais de 50 assistentes religiosos, além do Assistente Nacional, Rev.º Dr. Alves de Campos, incansável organizador desta grandiosa jornada, e muitos professores de liceu, escolas técnicas, etc.

OFERTA DE IMAGENS DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA À JUVENTUDE DAS PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS — INAUGURAÇÃO DUMA EXPOSIÇÃO E DUM ALBERGUE DA JUVENTUDE

— De tarde, no pavilhão da Exposição, o Senhor Bispo Auxiliar de Leiria, Dom Domingos de Pinho Brandão, benzeu, na presença das entidades oficiais, Rector do Santuário, Arcebispo de Braga e seu auxiliar, 8 imagens da Virgem de Fátima, que vão ser oferecidas pela Mocidade Portuguesa da metrópole, à Mocidade das províncias ultramarinas, como união de uma e de outra nas comemorações cinquentenárias de Fátima.

— Em seguida, foi inaugurada uma pequena exposição de desenhos de alunos para execução de uma imagem do Menino Jesus a ser oferecida ao Santo Padre Paulo VI, como lembrança da Sua peregrinação a Fátima. A imagem estava presente e foi admirada por todos.

— O Senhor Arcebispo de Braga, na presença de várias entidades benzeu também uma casa que vai servir de Albergue da Juventude em Fátima, casa que em seguida foi inaugurada pelo Senhor Ministro da Educação Nacional.

O CINQUENTENÁRIO DE FÁTIMA — 10.000 PEREGRINOS DE BRAGA

Em cumprimento de um voto feito no Sameiro pelo Senhor Arcebispo de Braga, Dom Francisco Maria da Silva, no encerramento do Congresso Mariano em 1964, vieram numa grandiosa peregrinação desta Arquidiocese cerca de 10 000 pessoas de todas as categorias sociais.

(Continua na pág. 27)

O fim da peregrinação foi agradecer as aparições de Nossa Senhora há 50 anos; pedir a paz, e consagrar a Arquidiocese ao Imaculado Coração de Maria. A peregrinação presidiu o Senhor Dom Francisco Maria da Silva, e o seu auxiliar Dom Manuel Ferreira Cabral, e nela tomaram parte os Governadores Civis de Braga e





Alciedade em Fátima



ANO DA FÉ

Neste ano das Festas Cinquentenárias das Aparições de Nossa Senhora de Fátima, aos três pastorinhos, por uma feliz coincidência ou por desígnios de Deus, celebra-se também o décimo nono centenário da morte do glorioso Apóstolo S. Pedro, o primeiro Papa da Santa Igreja e o primeiro representante de Cristo sobre a terra.

Pareceu a Sua Santidade o Papa Paulo VI, que esta data de tão alto significado e de tanta glória para a Santa Igreja, fosse celebrada com maior esplendor e com grandes solenidades, por todos os católicos do mundo. Foi determinada para esse fim, pelo mesmo Sumo Pontífice, a data de 29 de Junho, dia em que se comemora na liturgia da Igreja, a festa de S. Pedro e São Paulo (para o início dessas Festas Centenárias, designadas por Ele mesmo, com o nome bem expressivo do Ano da Fé.

Para que estas Festas Jubilares, tenham uma expressão mais viva, no seu verdadeiro sentido, uma vez que S. Pedro, pelos grandes testemunhos que nos deu da Divindade de Nosso Senhor, foi proclamado o grande Apóstolo da Fé, devem estas solenidades ser celebradas entre nós, com uma renovação de vida espiritual, de modo que se sinta o verdadeiro espírito de Cristo, numa vida de maior fervor, e de maior piedade, motivada pelo aumento sempre crescente da nossa Fé.

Só assim poderemos alcançar os frutos de uma grande renovação de vida interior, como espera de cada um de nós, o Santo Padre Paulo VI, neste Ano da Fé!

Mas nesta hora tão grave e tão agitada, por que passa a Santa Igreja, após o Concílio Vaticano II, até mesmo por certas perturbações, sintomáticas de um estado de desorientação, que levou Paulo VI, a implorar diante de Nossa Senhora em Fátima, para que não venham a prevalecer, dispersando as energias e esperanças, que o Concílio suscitou na Igreja; pode ser, repito, esta hora decisiva para todos nós.

Das palavras do Santo Padre e da sua grande consternação, bem podemos concluir da grande necessidade com que todos devemos viver, em horas tão difíceis, este Ano da Fé, pois só e sobretudo, pela renovação do seu espírito, poderemos como católicos, pensar e agir em conformidade com a fé.

Acrescenta ainda o Santo Padre: «Reconhecemos que é árdua tarefa do ensinamento eclesiástico: formular a fé em termos adequados e acessíveis à mentalidade moderna e responder a tantos problemas levantados pelo progresso da exegese e dos estudos religiosos, além do desenvolvimento do pensamento científico. Este ensinamento não deverá cair no relativismo e no subjectivismo próprios de certa mentalidade moderna, não deve fazer concessões ao que o pensamento humano não compreende ou não quer aceitar. Não deve deformar a fé, mas esclarecê-la.

Não deve substituir, por tarefa arbitrária e subjectiva, a tarefa verdadeira e autêntica que João XXIII atribuiu ao Concílio, a de afirmar melhor magistério eclesiástico.»

Destas advertências tão prudentemente feitas por Sua Santidade, Paulo VI, bem podemos concluir que a celebração deste Ano da Fé, conjuntamente com as Festas Jubilares de Fátima, foi um magnífico presente, que nos veio do Céu! Sendo assim, cada um de nós, deve preparar-se condignamente, para viver este Ano como um verdadeiro apóstolo, à imitação de S. Pedro, que como pioneiro da fé, dando os maiores testemunhos de Cristo, deu-nos o exemplo de uma fé tão viva e tão ardente, até ao fim da sua vida, que não se furtou ao martírio, para nos dar o maior testemunho, como homem de fé.

Sermos apóstolos de Cristo e da sua Igreja, é a nossa missão, como filhos de Deus e como soldados de Cristo, na sua Igreja Militante.

Portanto, importa, que cada um de nós, trate em primeiro lugar, da sua própria evangelização, vivendo o Evangelho dentro do seu coração.

Só assim, Cristo habitará em nossos corações e só assim, poderemos ser os apóstolos da Igreja Militante, para levarmos Cristo às almas, pela sua própria vida, pela sua palavra de fé e de amor pela sua doutrina de salvação eterna. O apóstolo tem que ser na sua vida, um outro Cristo, para que Cristo seja realmente a sua vida e possa dizer como S. Paulo: «Já não sou eu que vivo, mas sim Cristo, que vive dentro de mim.»

Deste modo, o apóstolo vive da fé e a sua vida com Cristo, é uma vida de fé verdadeira, porque será acompanhada de obras e operadas pela caridade de Cristo.

O apóstolo aceita as verdades reveladas, vive da confiança em Deus e torna-se um cumpridor fiel das suas promessas.

A fé, baseia-se como elemento principal de toda a nossa vida espiritual, levando-nos a crer em tudo o que Cristo e a sua Igreja nos ensina, e portanto a viver com Cristo, em tudo, o que Ele nos manda, através do seu Vigário na terra, o Santo Padre.

Portanto, não temos melhor caminho do que este, para vivermos santamente o nosso Ano da Fé, comemorando o décimo nono aniversário da morte de S. Pedro, como nos determina o Santo Padre, Paulo VI.

Para melhor cumprirmos e comemormos o nosso Ano da Fé e realizarmos em nós, alguma coisa de concreto, que fortaleça mais, a nossa fé, e estimule o nosso grande amor e submissão ao Santo Padre, basta-nos recordar o que foi realmente para nós portugueses, esse maravilhoso cenário da fé mais viva e ardente, que todos sentimos com a visita de Sua Santidade o Papa Paulo VI, a Fátima, em 13 de Maio, no Cinquentenário das Aparições da Mãe de Deus aos três pastorinhos.

Poderíamos até dizer, que Sua Santidade, o Papa Paulo VI, com a sua tão honrosa visita a Fátima, veio antecipar o nosso Ano da Fé!

Será, que para nós portugueses, poderia ter havido melhor dia do que aquele, que ficou para sempre nos anais da nossa História, para iniciarmos o nosso Ano da Fé?!

Não creio. A presença do Santo Padre entre nós, foi para Portugal o dia maior da nossa fé!

Aquele momento, de tantas emoções, tão vivas e ardentes, naquela hora inesquecível, de tantas maravilhas, que se tornou para nós e para o Mundo, um acontecimento nunca visto, que tanto tinha de grandioso como de espectacular e de sublime, naquele acenar de lenços brancos, num agitar tão fremente, como que se sentia o fogo abrasador de todos os corações e as alegrias indizíveis de todas as almas a transbordarem na fé, como num dia de Pentecostes, este dia, repito, foi para todos nós portugueses, o dia em que Portugal viveu a verdadeira vida da fé!

E foi o maior, porque atingiu o seu auge!

Quando diante daquela multidão, que não tem precedentes na história de Fátima e que jamais fora vista por algum Papa da Santa Igreja, a surgir por cima de todas as cabeças que era aclamado por todos, numa só voz, essa figura deslumbrante e irradiante de tanta glória, do supremo representante de Cristo na terra, como humilderomeiro e peregrino, que de braços erguidos para o alto, num semblante tão paternal e cheio de bondade, a derramar sobre nós a caridade e amor de Cristo, enquanto que do alto do céu, parecia ouvir-se entre nuvens, uma voz que dizia: «Este é o meu filho muito Amado, no qual eu pus todas as minhas complacências, escutai-o!

Sim, esta foi a data para nós, portugueses, em que começou o Ano da Fé!

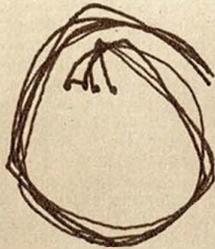
Digne-se Nossa Senhora de Fátima, pelo triunfo do seu Imaculado Coração e pela paz dos povos, nas festas do seu Cinquentenário, ajudar-nos com torrentes de graças, a vivermos uma vida maior de fé, neste Ano da Fé!

S. BELLO

2 cinquentenários



Fátima e Leiria



Venerando Episcopado Português, de aquém e além-mar, dirigiu a todo o País notabilíssima Carta Pastoral colectiva, digno pórtico das celebrações cinquentenárias das Aparições de Nossa Senhora de Fátima que Portugal inteiro e até o mundo se aprestam a realizar.

Não me competiria, pois, a mim fazer outra coisa que não fosse chamar a vossa atenção para o importantíssimo documento e exortar-vos a dar-lhe inteira execução, dando-vos para isso algumas normas de carácter prático e regulamentar.

Mas a especial responsabilidade que tem a nossa Diocese com os maravilhosos acontecimentos que nela se desenrolaram e tem vivido nestes cinquenta anos que levam de história; e a singular coincidência de se celebrar entre nós igual data da restauração da Diocese, parecem exigir que me detenha um pouco mais longamente convosco, ainda com o risco de vir a repetir o que

tão oportuna e eloquentemente e em forma colegial a todos foi dito e ensinado pela Sagrada Hierarquia.

Vamos, pois, celebrar o cinquentenário dos dois grandes acontecimentos, e fá-lo-emos naturalmente com uma única série de comemorações. Nem se nos diga que se trata de dois acontecimentos de diferente projecção e alcance: um de carácter universal, o das Aparições de Nossa Senhora, restrito o outro, o da restauração da Diocese de Leiria. É que bastar-nos-ia a acentuada coincidência cronológica dos dois factos para os unirmos na celebração. Mas a circunstância de que, acabado o glorioso ciclo das Aparições de Nossa Senhora na Cova da Iria, num breve espaço de tempo se consummasse o que, antes, parecia impossível aos olhos dos homens, ainda que beneméritos, da nossa terra, parece poder interpretar-se como claro indício do Céu em querer unir a sorte futura dos factos maravilhosos de Fátima com a restauração da Diocese, debaixo da vigilância dum zeloso e santo Pastor que tivesse talento para descobrir os desígnios de Deus, orientar o sentido cristão dos fiéis, administrar as mesmas estupendas revelações do Céu. A pura razão humana diz-nos, é certo, que tudo poderia alcançar-se doutra forma. Sem dúvida. Mas a atenta consideração dos factos pode levar-nos legitimamente a descobrir as intenções da Providência Divina sempre misteriosa nos Seus desígnios. A pequenina Diocese de Leiria teria assim sido restaurada para conservar, fomentar, expandir a mensagem celeste que o Coração da Virgem Imaculada depositara, qual diminuta semente do Evangelho, no seu território, para que debaixo da sua guarda e vigilância, se convertesse em árvore de grande porte, capaz de abrigar aves sem número. (Mat. 13, 32).

Desta sorte, já também o cinquentenário da restaurada Diocese de Leiria, porque intimamente ligado ao das Aparições de Fátima, que a teriam condicionado, se alarga na sua projecção...

Vedes, pois, caríssimos Diocesanos, como não poderíamos ficar insensíveis a tamanha generosidade do Céu nem a tão profundas exigências e responsabilidades perante a Igreja.

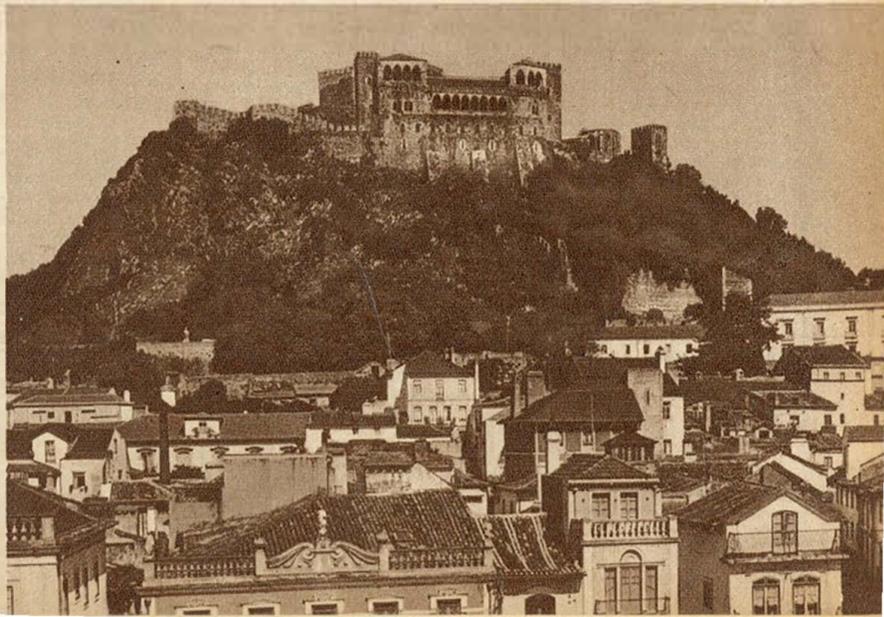
I — UM POUCO DE HISTÓRIA

Bem sabemos, caríssimos Diocesanos, que tendes sempre viva na memória e no coração a lembrança dos factos que são objecto destas solenes celebrações. Mas vamos recordá-los, de novo, embora a largos traços, para despertar sempre mais o sentido da nossa gratidão.

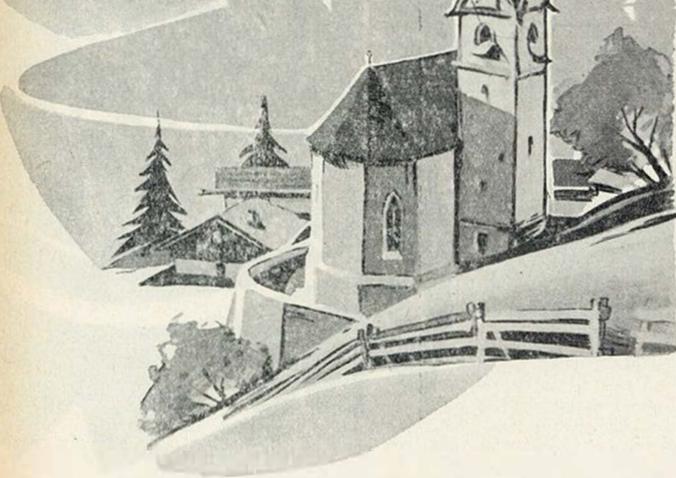
Quando em 1917, naquele dia para sempre memorável de 13 de Maio, a Virgem Santíssima veio trazer-nos a Mensagem do Seu Coração Maternal, qual renovado Evangelho de penitência e oração, de misericórdia e perdão, a nossa querida Pátria e o mundo inteiro viviam horas bem tristes e amargas.

Com que eloquência o expressaram os Bispos portugueses na Pastoral colectiva das Bodas de Prata de Fátima, em 1942:

«Corria o ano de 1917: Portugal estava em plena fase de perseguição religiosa, uma lei descarado e esbulhara a Igreja do seu modesto pécúlio, património dos pobres, proibira o culto



O Talismã dos GUERNIS



Por JEAN MANCLÈRE

(Continuação)

A jovem deveria amar os seus protectores, desajava-o, cada dia se exortava a isso e lamentava-se de não o conseguir; mas a estima está na base de toda a afeição e Dionísia tinha notado em volta de Nestor emredos confusos que não deixavam de preocupar a sua profunda lealdade. Talvez fosse muito severa porque se tratava de pequenas coisas, factos mínimos, insignificantes tomados um por um, mas que juntos lhe pareciam inquietantes; eram papeis que, à sua chegada, Nestor encerrava precipitadamente no cofre forte massiço, collocado perto da chaminé da sala de jantar. E se, nesse momento, sua mulher estivesse junto dele, embaraçava-se em explicações volúveis e absurdas que, por si só, teriam bastado para a impressionar desagradavelmente.

Também havia entre os Carditè, conversas enigmáticas, bruscamente cortadas quando Dionísia entrava. A tia Albertina, desejando salvar as aparências, emaranhava-se em palavras sem nexo cujo efeito era pior, seguramente, que o mal que elles pretendiam remediar. Muitas vezes Dionísia fugia de abrir a porta a visitantes de caras mais que duvidosas, que procuravam o seu tutor, com acento exótico, examinando a jovem atenta e desdenhosamente, com um modo impertinente que ella não podia suportar; então Nestor com maneiras bruscas, atraía-as para o quarto onde se fechava com elles. Quem eram estes visitantes e que vi-nham elles cá fazer?

O conjunto assim constituído era bastante desagradável, por pouco que nelé se pensasse. Dionísia evitava deter nisso o seu pensamento tão grande era o seu reconhecimento para com aqueles que, tirando-a da solidão, talvez da miséria, a ajudavam a levar a dor do seu luto. A sua falta de experiência, para não dizer a sua ingenuidade, levavam-na a desconfiar do seu próprio juizo. Enfim, a simplicidade da tia Albertina, a quem ella ajudava nas voltas da casa, pois as mulheres a dias cu qualquer serviço não tinham lá entrada, levavam a órfã a perdoar as maneiras estranhas do seu tutor.

No entanto pediu algumas explicações à tia Albertina:

— Não repares, minha querida, aconselhava a gorda mulher, dobrando a roupa da última lavagem. O teu tic tem vazado por toda a parte e tem muitos amigos; que estes venham vê-lo, é natural. E depois este homem tem negócios que o preocupam, e comprehendes, é preciso receber bem os clientes que vêm sem se mostrar difficil sobre a qualidade...

— Isso é verdade, minha tia.

Convencida, Dionísia continuava a passar o ferro eléctrico sobre os guardanapos já no fio.

QUE Dionísia se adaptava mal a esta meio tão diferente aos seus gostos, era certo. Considerando que a vontade divina para ali a tinha transplantado, esforçava-se por lhe fazer boa cara: quem poderá dizer quanta coragem se escondia por vezes por detrás de um rosto sorridente? Ella amparava a sua energia por breves vistas à igreja vizinha; a Missa matinal, a que assistia sempre que podia, era para ella um grande conforto: amava a paz que, dos tetos decorados de S. Luis de Autin, desce como orvalho benéfico sobre os fiéis e apreciava o oasis de calma representado pelo santuário, nesse bairro tão ruidoso da agitação parisiense.

Nessa manhã, Dionísia saía alegremente da Missa. Março, no meio do seu curso, desde a alvorada se tinha apresentado com um lindo sol e a jovem sorrindo ao esplendor do dia não pensou em se sobrecarregar com um guarda-chuva, fácil de esquecer na penumbra duma igreja. No decurso do officio pesadas nuvens tinham tomado o céu de assalto, tornando-o todo negro; um vento enfurecido curvava os ramos das árvores que erguiam ao longo dos passeios as suas silhuetas desmandadas onde já começavam a borbulhar os primeiros rebentos. Ao sair, logo aos primeiros passos, Dionísia foi assaltada pela mais brutal surraçada que jamais tinha bombardeado os seus frágeis ombros.

O granizo passa depressa. Em Lerches, mais de uma vez Dionísia se tinha visto surpreendida por um aguaceiro e tinha-se livrado dele correndo até casa, a menos que não pedisse acção em qualquer loja. Mas em Paris, vá lá alguém correr! Num instante a jovem provinciala viu-se submergida pela onda dos transeuntes, passas de todas as idades e de todos os sexos, galopando ora para os portões ora para o próximo metropolitano. Um bando de jovens estouvados, arremessando-se para o liceu Condorcet, scltava gargalhadas sonoras e gritos de animação, inão de encontro aos que se encontravam na sua passagem. A confusão da órfã era completa a tal ponto que ella já não pensava senão no abrigo que acabava de deixar: a igreja, ainda perto. Atropelada pela multidão, aturdida pela balbúrdia, escorregando nas pedras de gelo espalhadas pelo passeio, Dionísia, de repente, teve medo.

O socorro veio de um lado donde a jovem não o esperava. Como ella se encontrava cercada pela torrente de rapazotas que a empurravam sem consideração alguma e talvez mesmo com um prazer maldoso, Dionísia ouviu de súbito soar perto della uma voz bem timbrada:

— Eh lá rapazes!

Produziu-se um ramoinho entre os estudantes. Arrastada, a jovem esteve a pontos de cair. A voz tornou:

— Perdão, minha senhora, eu não podia permitir que estes gaiatos a empurrassem assim. Quer aceitar o meu auxilio?

A voz era jovem e quente e o acento enriquecido por uma simpatia que era acompanhada por uma respeitosa deferência. Dionísia surpreendida, mas já accegada, levantou os olhos para quem lhe falava. Um jovem official de marinha resguardado de um impermeável, inclinava-se diante della. Dionísia balbuciou:

— Muito obrigada, senhor, eu...

Um estudante, correndo de cabeça baixa, fez-lhe perder o equilibrio. Sem esperar um consentimento mais formal e julgando necessário intervir, o official, com mão resoluta segurou Dionísia pelo cotovello. Amparando-a, protegendo a contra os choques mais ou menos voluntários, guicou-a para a passagem do Havre, que estava próxima. Ali, enquanto a jovem se sacudia com um lindo movimento de ave, o desconhecido apresentou-se:

— Guarda-marinha, Hugo de Guernis.

Um sorriso brincava nas suas feições regulares crestadas pelo vento do largo. Dionísia ergueu os olhos para o seu salvador, achou-o de agradável porte, provido dum queixo resolutivo e de uma tez viva sob os seus cabelos louros; o olhar posto respectivamente nela era tão leal que a sobrinha de Albertina logo se sentiu confiante. Ainda um pouco ofegante, estendeu a sua mão enluvada:

— A mim, chamam Dionísia de Brillanges, disse ella. Muito lhe agradeço o seu auxilio, Senhor, tanto mais que é a primeira vez que me vejo assim perdida nos embaraços da capital.

Ella ensaiou um sorriso um pouco forçado; e as faces estavam pallidas de batida rápida sob o casaco preto e as faces estavam pallidas de commoção. Guernis achou que ella era delicada:

— Vamos! tornou elle, o mal não é grande, pois está salva. No fim deste aguaceiro os transeuntes tomarão cada um o seu caminho... e vós podereis continuar o vosso!

Dionísia não respondeu. O seu olhar errava pela creçada onde os automóveis rolavam na água lamacenta. A tempestade de granizo succedia uma chuvaada violenta. A jovem murmurou:

— Esta chuva nunca mais pára!

Uma viva contrariedade se notava na sua voz. Guernis notou:

— O mau tempo parece para durar... Tempo que esta chuvaada dure mais do que deseja.

— E eu que já estou tão atrasada... A minha tia vai inquietar-se...

(Continua)

Nunca é de mais recordar aquela advertência da Jacinta quando, já no hospital, em vésperas de ir para o Céu, dizia à «Madrinha»:

«Não-de vir umas modas que não-de ofender muito a Nosso Senhor. As pessoas que servem a Deus não devem andar com a moda. A Igreja não tem modas. Nosso Senhor é sempre o mesmo.»

E as modas vieram, logo pouco tempo depois, na década de 1920. As modas imodestas vêm sempre, arma certa do inimigo voltada contra as mulheres. Por isso, quando há 25 anos se comemoraram as bodas de prata das Aparições, o Episcopado Português propôs, entre outras, a organização das *Ligas de Modéstia*. Para estas Ligas eram convidadas todas as meninas e senhoras cristãs. Importava o compromisso de não usarem modas que brigassem com a modéstia cristã, tanto em tempos normais, como nas praias. As senhoras com mais de 30 anos devem lembrar-se que não foi em vão o apelo e até nas praias se podia gozar um ambiente saudável, em vez do espectáculo de tanta miséria que é o estendal de gente desnudada por falta de pudor.

Mas já então, em 1944 e depois, em 1954, Nosso Senhor teria advertido o mundo e os Portugueses em especial, por intermédio de uma alma privilegiada, Alexandrina de Balasar, cujo processo foi já iniciado com vista a possível beatificação:

«Oh, como está o mundo! Vistam-se os nus, vistam-se os impuros, haja modéstia, termine a vaidade. Penitência; Penitência! Oração, muita oração! É Jesus que quer salvar o mundo!... Olha, olha, minha filha! Olha para Portugal, olha para as nações! Que podridão! Que malícia! Que veneno!... A carne, as praias, as modas, os cinemas, os casinos, os teatros, o mundo, o mundo como peca!...»

Mas que importa a Voz de Deus? Se um figurino de Paris, qualquer cantor improvisado em Londres ou as moças despídas num *écran* impõem mais facilmente as suas anomalias! Não há dúvida que estamos atravessando outra crise de pudor provocada pelas modas ou de que as modas são afinal a feia consequência. Mesmo em Psicologia, os Mestres ensinam que a falta de pudor é um estado patológico por carência, como doença é a falta de memória ou a falta de vontade nos abúlicos ou a falta de inteligência nos idiotas. Por isso é um acto de caridade vestir os nus, não só para os defender do frio, não só para os proteger das queimaduras solares, mas para que não se lhes decomponha irremediavelmente a alma na desfaçatez do impudor.

Pois, ao celebrarmos com tanto brilho os 50 anos da visita que nos fez A mais santa de todas as mulheres, A mais querida de todas as mães, Aquela que tanto dizemos amar, não queiramos ter o arrojo de oferecer nas nossas terras a Ela consagradas, nas nossas ruas, por essas praias e até à sombra dos nossos campanários o espectáculo indecente e deselegante das modas impuras, que tanto horrorizaram a pequenina Jacinta, só de imaginá-las, que tanto ofendem Deus e tanto amarguram o Coração Imaculado de Maria. Seria a mais bela homenagem das senhoras e das raparigas de Portugal revelarem a sua personalidade, mostrarem o seu bom gosto, manterem a modéstia e salvarem o pudor.

Então Fátima será uma explosão de alegria, porque vestir com modéstia e resguardar a pureza é colaborar com Nossa Senhora na obra de salvação e apressar o triunfo prometido ao Coração Imaculado de Maria.

DR.ª DELMIRA MAÇAS

RAPARIGA — UM CURSO PARA TI

A Escola de Enfermagem «Rainha Santa Isabel» pretende formar Enfermeiras que, sendo tecnicamente competentes, saibam dar aos problemas que se lhes deparem soluções cristãs...

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 20 — COIMBRA

O Recado foi para nós...

(Continuação da pág. 8)

o zelo apostólico que nos leve a «não ofender mais a Nosso Senhor que já está muito ofendido.» E, num desabafo de amargura, a Mãe do Céu adverte-nos do dever grave que temos de rezar, fazer penitência «porque vão muitas almas para o inferno porque não há quem reze e se sacrifique por elas.»

O nosso coração de apóstolas não se sente dorido, a nossa consciência não desperta diante desta verdade conflagradora?

Já pensaste que a mensagem de Fátima é essencialmente apostólica, é o Evangelho vivido em plenitude? A Senhora o lembra nas seis aparições da Cova da Iria.

Todos os seus pedidos e avisos, todas as suas carinhosas repreensões se resumem neste desejo da Mãe do Céu, nesta incontestável verdade, único meio seguro para possuir Deus, para viver em Deus, para assegurar a eternidade feliz no Seio da Santíssima Trindade: *Viver em graça*. A Senhora veio chamar-nos, despertar-nos para o apostolado, para o dever de continuarmos a ser missionários de Cristo, de quem andávamos tão longe. Lembra-te, lembramo-nos todos do carinho maternal de Maria ao estender-nos a mão para nos levantarmos da apatia em que vivíamos?

Quem se lembra que a Mensagem de Fátima é um «programa de vida», é a oração feita acção, a penitência feita salvação?

Que grande responsabilidade pesa sobre nós por não fazermos o que a Senhora pediu! Pensa que o mundo feito pecado, feito desgraça espera a nossa decisão generosa, heróica, para cumprirmos a Mensagem de Fátima e assim atrairmos, sobre a terra, a chuva de graças que a Senhora prometeu, a paz tão necessária mas que só Cristo Jesus pode dar. Porque esperamos?...

Rezemos, trabalhemos para que este cinquentenário não seja mais uma festa que se perca no rolar dos séculos, que se esqueça na noite escura e cerrada dos tempos, mas toque de alerta para nos lembrar a nossa missão de filhos predilectos de Maria, de missionários de Cristo. Temos de fazer destas festas horas de glória, das mais notáveis da nossa história, luz celeste que há-de sempre iluminar-nos, iluminar esta nação fidelíssima que se encontrou a si mesma sob o manto da Virgem. São manifestações dos filhos agradecidos, da Pátria redimida à Mãe carinhosa e solícita que estendeu sobre todos a Sua misericórdia, deu a todos o tesouro inestimável do Seu Imaculado Coração.

Portugal deu Cristo ao mundo.

Fátima dá o mundo a Cristo.

MARIA CARLOTA M. DE MELLO

A técnica alemã ao serviço da FERCOU

VERNIZ «POLI-SUPER» FERCOU: 2 UM VERNIZ PARA SOALHOS RESISTENTES A FRICÇÃO. DURABILIDADE ILIMITADA. TINTA PLÁSTICA FERCOU: A MELHOR TINTA PARA INTERIOR E EXTERIOR. RESISTENTE A CLIMAS TROPICAIS. LAVAVEL. HIDROFUGANTE FERCOU: EVITA A INFILTRAÇÃO DA HUMIDADE NOS PREDIÇOS. RESULTADOS GARANTIDOS. MASSA PLÁSTICA FERCOU: PARA LAMBRINS E PAVIMENTOS. TODOS OS TONS. DUREZA A TODA A PROVA.

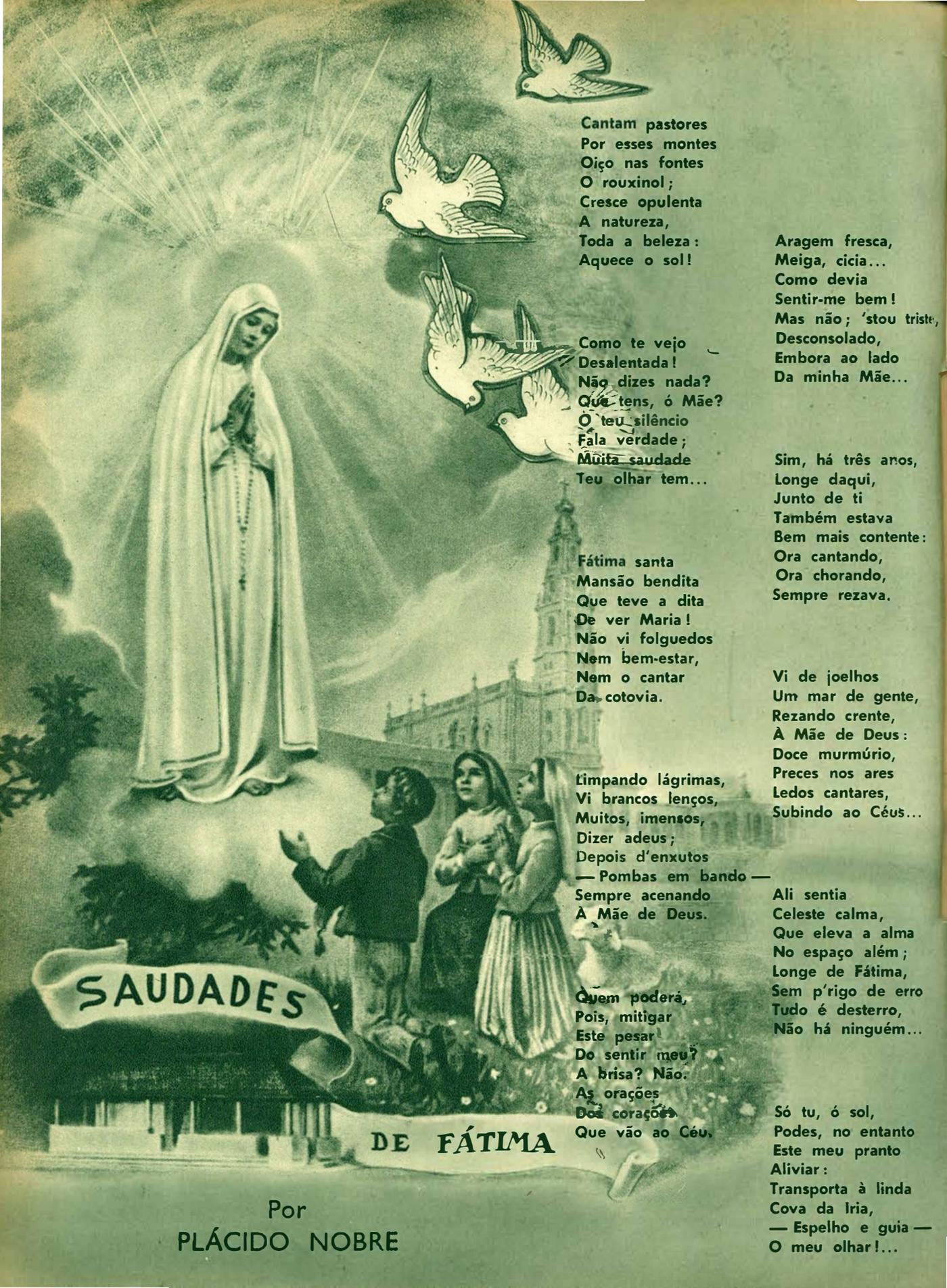
Distribuidoras gerais:

BERNARDO PINTO & SOUSA, LDA.

PORTO: Rua Mouzinho da Silveira, 137 — Telefones: 2 33 15 - 3 21 29 LISBOA: Rua Palmira, 33 — Telefone: 83 64 53

FÁBRICA DE TINTAS
F E R C O U

SENHORA DA HORA — Apartado 11 — Telefones: 950.333 - 950.365
P O R T U G A L



Cantam pastores
Por esses montes
Oíço nas fontes
O rouxinol;
Cresce opulenta
A natureza,
Toda a beleza:
Aquece o sol!

Aragem fresca,
Meiga, cicia...
Como devia
Sentir-me bem!
Mas não; 'stou triste,
Desconsolado,
Embora ao lado
Da minha Mãe...

Como te vejo
Desalentada!
Não dizes nada?
Que tens, ó Mãe?
O teu silêncio
Fala verdade;
Muita saudade
Teu olhar tem...

Sim, há três anos,
Longe daqui,
Junto de ti
Também estava
Bem mais contente:
Ora cantando,
Ora chorando,
Sempre rezava.

Fátima santa
Mansão bendita
Que teve a dita
De ver Maria!
Não vi folgedos
Nem bem-estar,
Nem o cantar
Da cotovia.

Vi de joelhos
Um mar de gente,
Rezando crente,
À Mãe de Deus:
Doce murmúrio,
Preces nos ares
Ledos cantares,
Subindo ao Céus...

Limpando lágrimas,
Vi brancos lenços,
Muitos, imensos,
Dizer adeus;
Depois d' enxutos
— Pombas em bando —
Sempre acenando
À Mãe de Deus.

Ali sentia
Celeste calma,
Que eleva a alma
No espaço além;
Longe de Fátima,
Sem p' rigo de erro
Tudo é desterro,
Não há ninguém...

Quem poderá,
Pois, mitigar
Este pesar
Do sentir meu?
A brisa? Não.
As orações
Dos corações
Que vão ao Céu.

Só tu, ó sol,
Podes, no entanto
Este meu pranto
Aliviar:
Transporta à linda
Cova da Iria,
— Espelho e guia —
O meu olhar!...

SAUDADES

DE FÁTIMA

Por
PLÁCIDO NOBRE

Fátima e Leiria

(Continuação da pág. 21)

público, prescrevera como um crime o ensino religioso, e pusera fora do direito comum, como párias os ministros do altar; as ordens religiosas haviam sido espoliadas e hárbaramente expulsas do País; o nome de Deus fora banido da vida pública, riscado dos códigos; muitos templos estavam encerrados ou profanados, e não faltavam vozes agourentas a predizer a extinção da Religião Católica em Portugal. Os prelados eram desterrados das suas dioceses, e mais de um expiou na prisão o grande crime de ter usado da liberdade que a lei dizia garantir a todos, para proclamar alto os direitos de Deus e da consciência cristã. Numerosos sacerdotes conheceram também as inclemências da expulsão e tiveram de comer o pão amargo do exílio... Entretanto uma guerra sem precedentes na extensão e no poder de extermínio assolava a Europa e fazia sentir ao longe as suas sinistras repercussões; e Portugal via-se envolvido nesse conflito monstruoso e a gente lusitana regava com o sangue as plagas da Flandres e da África.

Tal era o escuro quadro da vida portuguesa no seu âmbito nacional e na sua situação internacional.

Que era feito das glórias antigas? Onde estava Afonso Henriques? onde S. Teotónio? onde Afonso de Albuquerque? onde Santo António? Que era feito daquele Portugal que ergueu o Mosteiro da Batalha, o Mosteiro dos Jerónimos, os padrões de além-mar? Onde parava aquela geração forte que numa hora de crise aclamou por Padroeira a Senhora da Conceição e por ela restaurou a independência da Pátria? Onde a Cruz de Cristo que a sangrar no velame das caravelas annunciou ao mundo inteiro a fé viva e enérgica dos portugueses? Dir-se-ia que sobre todas estas recordações luminosas passara um véu escuro, prenúncio da lousa fúnebre que iria cobrir para sempre os restos desacreditados dum povo que fora grande». (Instr. Past. do Episcopado Português, de 11 de Fev. de 1942 — «Lumen», pág. 196-197).

13 de Maio de 1917 veio a ser para a nossa Terra e até para o mundo inteiro esperança aurora de um novo dia após noite tormentosa. «NÃO TENHAIS MEDO!» — foram as primeiras palavras de Nossa Senhora, como eco dulcíssimo da palavra de paz de Cristo Ressuscitado (Luc. 24, 36). *Vinde a mim...* parecia repetir. *Rezaí o terço...* E com simplicidade encantadora, maravilhosa, sucedem-se mais ciúes aparições, portadoras de mensagens impregnadas do mais puro espírito evangélico...

Não vem agora ao caso deter-me na narração histórica das Aparições. Mais adiante voltarei ao assunto para breves apontamentos.

A última aparição de Nossa Senhora verificou-se, como sabeis, no dia 13 de Outubro. Nesse dia e de modo inequívoco, quis o Céu associar-se à Terra para cantar as glórias do Criador. Como muito bem disse o Senhor Dom José, de santa e feliz memória. «O fenómeno solar de 13 de Outubro de 1917, descrito nos jornais da época, foi o mais maravilhoso e o que maior impressão causou aos que tiveram a felicidade de o presenciarem.

As crianças fixaram com antecedência o dia e hora em que se havia de dar. A notícia correu veloz por todo o Portugal e apesar de o dia estar desabrido e chover copiosamente, juntaram-se milhares e milhares de pessoas que, à hora da última Aparição, presenciaram todas as manifestações do astro-rei, homenageando a Rainha do Céu e da Terra, mais brilhante do que o sol no auge das suas luzes (Cant. 6, 9)».

(CARTA PASTORAL DO SENHOR D. JOSÉ — *A Providência Divina* — Ed. da União Gráfica de 1930, pág. 11.)

Pois bem, passados apenas três meses, como nova manifestação do Céu, publicava Sua Santidade Bento XV a Bula «*Quo vehementius*» pela qual restaurava a Diocese de Leiria.

Os acontecimentos de Fátima tinham assim o suporte natural, o sulco por onde passasse o caudal benéfico das suas águas, o motor que lhes desse o necessário impulso e as levasse aos confins da Terra.

Realmente, a história da primeira origem, desenvolvimento, supressão e subsequente restauração da Diocese de Nossa Senhora está indubitavelmente marcada com o selo das obras de Deus.

Nasce no tempo da nossa maior grandeza nacional e religiosa e como fruto simultaneamente da generosidade de um dos nossos grandes Reis, D. João III, e das necessidades pastorais da região: «...e convem muito — dizia o cristianíssimo Rei — a serviço de Deus, para boom governo da dita clerezia e povo da dita vila, eriar se e allevantar se a igreja principal dela em see cathedral e episcopal, e fazer-se da dita vila e seu território hum bispado, pera que a clerezia e povo tivessem hum perlado que em ela residisse e a regesse e governasse...» (cf. Alonso Zuquete, «Leiria, Subsídios para a História da sua Diocese», pág. 21).

E Paulo III, na sua Bula «*Pro excellenti*», de 22 de Maio de 1545, criava a Diocese de Leiria porque: «...julgamos ser coisa digna de plan-

tilante campo da igreja militante novus regibus e sés episcopis, a fim de que com tais plantações aumente a devoção popular, floresça o culto divino, se consiga a salvação das almas, e os lugares notáveis, e designadamente aqueles cuja população se reconhece ir em aumento pela bênção do Senhor, sejam ornados com adequados títulos e condições favoráveis, e pela propagação da nova sé, pela assistência e governo do venerado prelado, juntamente com o alargamento da autoridade apostólica e o aumento da fé ortodoxa, possam os povos mais facilmente alcançar o prêmio da felicidade eterna que lhes é proposta» (Cfr. «Constituições do Bispado de Leiria», 1944, pág. XXIV-XXV).

E a Diocese, assim constituída por Autoridade Apostólica, começou a sua gloriosa história, sempre governada por zelosíssimos Prelados, muitos dos quais gozaram da maior fama na Santa Igreja. D. Fr. Brás de Barros, o Bispo fundador, que lhe dá as primeiras Constituições; D. Fr. Baspar do Casal, que a governou durante 20 longos anos e lhe deu a Sé Catedral que ainda hoje possuímos e foi glória imorredoura do Concílio de Trento; o notável canonista D. Francisco de Menezes; o grande escritor D. Jerónimo Mascarenhas; o depois ilustre Cardeal da Santa Igreja D. João Cosme da Cunha; D. Pedro Vieira da Silva, o fundador do primeiro Seminário; D. Manuel de Aguiar, «um Bispo segundo Deus»; e o seu último e grande Prelado, D. Joaquim Pereira Ferraz, a quem o Senhor levou antes de sofrer a dor de a ver extinta.

Mas, sabemos todos muito bem, a grandeza histórica de Portugal declina quando começa a diminuir nos seus filhos a intensidade da fé cristã. E a nossa querida Diocese, na sequência dessa triste sina, sofreu-lhe os lamentáveis efeitos. Depois de várias e nefastas vicissitudes, Leão XIII, com a Bula «*Gravissimum Christi Ecclesiam...*» de 30 de Setembro de 1881, ainda que «com grande pena», autorizava a revisão das Dioceses Portuguesas, com a supressão, entre outras, da Diocese de Leiria, cujo território foi repartido pela de Coimbra e Patriarcado de Lisboa. «E assim acabou — diz um ilustre autor — esta antiga Diocese, que pela respeitabilidade do clero que formava havia merecido os gloriosos títulos de «flor das Dioceses», e de «jardim da Igreja» com que a pública opinião a decorava» («Um Bispo segundo Deus», Apêndice, pág. 15).

Mas esta dolorosa extinção, dificilmente tolerada pela Santa Sé, nunca foi admitida, em definitivo, pelos nossos gloriosos antepassados. E os porfiados esforços para lhe evitar a morte continuaram sem cessar para a restituir à vida. Temos a alegria de poder ainda hoje felicitar um desses beneméritos sacerdotes que são a honra duma Diocese indómita que sente em si anseios de eternidade... Para ele e para todos os que o antecederam e acompanharam vai a expressão viva do nosso profundo reconhecimento e o preito da nossa homenagem bem sentida, já que outros galardões humanos se não esperam nem seriam acites.

Bento XV, pois, pelo Breve «*Quo vehementius*» de 17 de Janeiro de 1918, restaurava finalmente a Diocese de Leiria, com estas significativas palavras: «Com tanta veenência foi doloroso à Sé Apostólica, quando os circunstâncias a induziram a suprimir... a Diocese de Leiria... quanto agora rejubila porque a feição dos tempos lhe permite restabelecer aquela antiga Igreja Catedral...» (Cfr. «Constituições», pág. XXX-XXXI).

Quando, no dia 15 de Maio de 1920 — dois longos anos após a restauração — o Senhor D. José Alves Correia da Silva foi nomeado primeiro Bispo da restaurada Diocese, a alegria foi completa: a Diocese tinha encontrado um Pai e um Pastor segundo o Coração de Deus (Jer. 3, 15). Como não recordar, nesta festa cinquentenária, a sua veneranda e santa figura?

Não vamos fazer o panegírico deste grande Bispo, cuja memória ficará imorredoura na história da Diocese e dos factos maravilhosos que celebramos. O seu nome ficar-lhes-á para sempre unido e dificilmente se poderá pensar em Fátima sem que logo assome a figura insinuante e agigantada do seu Bispo, o Bispo de Fátima.

A passagem, que não vem longe, do centenário do seu nascimento será momento azado para o recordar mais longamente como merece e todos lhe devemos.

Bastem por agora as eloquentes palavras, pronunciadas na Basílica de Fátima pelo então Bispo do Algarve, hoje Venerando Bispo Coadjuutor de Coimbra, Senhor D. Fr. Francisco Rendeiro, na oração fúnebre das exéquias por alma do Senhor Dom José ao referir o papel que o grande Prelado foi chamado a desempenhar na história de Fátima: «Nos designios da Providência o Senhor D. José havia de ser mais do que o glorioso restaurador da sua Diocese, havia de ser o privilegiado instrumento dos maiores acontecimentos religiosos do nosso tempo, o primeiro Bispo de Nossa Senhora da Fátima.

Quando hoje pensamos que a Santíssima Virgem o escolheu para lhe entregar os destinos das aparições, para confiar as suas mãos a evolução dos acontecimentos, não podemos deixar de admirar — à nossa maneira humana — quão acertada foi a escolha.

Que semelhança entre a dureza da serra e o carácter forte do Senhor D. José, que semelhança mais ainda entre a simplicidade de vida destas gentes, entre a cândida inocência dos Pastorinhos e a alma verdadeiramente simples e cândida do Senhor Bispo de Leiria! Por isso se sentiam tão bem com ele as crianças de Fátima, por isso as aparições encontraram na sua alma um eco tão profundo.

En penso que a Fátima é o grande revelação da alma do Senhor D. José». («Oração Fúnebre», pág. 18-19).

(Continua no próximo número)

VERÃO



LEGANTES E PRÁTICOS, POIS, COM OU SEM CASACO, TANTO SERVEM PARA OS DIAS RIDENTES DA PRESENTE ESTAÇÃO, COMO PARA AS SURPRESAS QUE O VERÃO POR VEZES APRESENTA NA MUDANÇA BRUSCA DO TEMPO. SEM DEIXAREM DE SER MODERNOS, AGRADARÃO SEM DÚVIDA AS JOVENS QUE DESEJAM ATENDER O PEDIDO DA VIRGEM DE FÁTIMA, SOBRE A MODÉSTIA CRISTÃ.



A Mocidade reza por Portugal (Continuação da pág. 18)

Viana do Castelo, Câmaras de Braga, Esposende, Famlucão, e Amareš, delegações dos bombeiros dos concelhos da Arquidiocese, Cabido e Arcipreste, Párocos e numeroso clero regular e secular, a mesa, da Arquiconfraria do Sameiro, e irmandades, Acção Católica, Liga Eucarística, Cursos de Cristandade, etc.

Os peregrinos, que viajaram quase todos em camionetas e automóveis, fizeram a sua entrada às 17.30 h, tendo desfilado desde a Cruz Alta à Capelinha das Aparições onde proferiu uma alocução de boas vindas o Senhor Arcebispo. Em seguida, na Colunata da Basílica realizou-se o piedoso exercício da Via-Sacra sob a presidência do Venerando Prelado, levando as cruzes os Governadores Cívicos de Braga e de Viana do Castelo. Em cada passo da Via-Sacra, sacerdotes e leigos pronunciaram palavras adequadas. A última meditação fez-a o Senhor Arcebispo.

As 2,30, efectuou-se a concentração na esplanada e a exposição do Santíssimo Sacramento, que foi conduzido numa grandiosa e fervorosa procissão pelo recinto, no meio de milhares de luzes e cânticos.

Houve hora santa à meia-noite e, até às 6 horas, turnos de adoração permanente diante do Santíssimo Sacramento exposto.

Na manhã do dia 11 o Senhor Arcebispo Primaz celebrou a missa em que foi distribuída por numerosos sacerdotes a sagrada comunhão a muitos milhares de peregrinos. Pouco depois efectuou-se a procissão com a imagem de Nossa Senhora diante da qual foram oferecidos sacrificios pelo bom resultado da peregrinação da Arquidiocese. Todos os peregrinos recitaram a consagração da Arquidiocese à Virgem de Fátima.

A este acto assistiram também o Senhor Bispo auxiliar de Braga, Cônegos do Cabido, Arciprestes, e Párocos da Arquidiocese de Braga, e as autoridades civis.

O Senhor Dom Francisco Maria da Silva, deu a bênção com o Santíssimo Sacramento a cerca de 60 doentes da Mocidade Portuguesa e a diversos da sua Arquidiocese que vieram pedir as graças da Santíssima Virgem.

As cerimónias, como é de uso, terminaram com a procissão do Adeus a Nossa Senhora.

FÁTIMA, Mensagem de Oração (Continuação da pág. 5)

Em Fátima tudo nos fala de oração: as atitudes reverentes do Anjo da Paz prostrado humildemente até beijar o chão; a adoração do augusto Sacramento dos nossos altares; os terços do solitário Francisco depois daquela materna recomendação da Senhora; as insistências da pequena Jacinta para que em sua casa se introduzisse a reza do rosário quotidiano; a atitude doce e piedosa da Virgem Maria com as mãos juntas ante o relicário onde se guarda o mistério do seu Coração... E, por fim, esse abrir de mãos, donde fluem os raios misteriosos descobridores do segredo de Deus.

Oração de Fátima! Oração de súplica ardente em que o povo cristão torna a encontrar o sentido primeiro do Evangelho. Orações de adoração em que se descobre toda a grandeza do Deus trino, forte e terrível que os Anjos adoram. Orações de *louvor* em que se exulta agradecido em reconhecimento dos favores recebidos. Orações de *intercessão* em que a Virgem Maria abre esse grande tesouro do seu Coração Imaculado para o fazer nosso. Orações de *intercomunhão* com os Santos do Céu e da terra, nossos irmãos.

Temos de afirmar repetidamente: Fátima é uma grande escola de oração cristã onde do Céu — a Virgem Maria — veio em socorro dos seus filhos balbuciantes.

É curioso: alguns teólogos críticos têm estudado com preavência as «orações do Anjo» e as «orações de Nossa Senhora»... para chegar à conclusão de que se tratava de fórmulas catequéticas populares de maior alcance cristão. Pois, que havia de dizer-nos, de ensinar-nos Fátima se era verdade que a Virgem Maria baixava do Céu «para que aprendêssemos a ler, para que aprendêssemos a rezar»... Fátima não podia ser uma escola de oração para «iniciados»: como uma cátedra de teologia para privilegiados... Fátima é uma escola de oração, *primária*, em que está escrito: «Se vos não fizerdes como um destes pequeninos que creêm em mim, não entrareis no reino dos Céus».

Em Fátima, temos de orar com a fé do nosso povo, com as suas lágrimas, com as suas dores, até com os seus terrores... Temos de orar com o gosto «popular» e emocionado com que orou diante de Nossa Senhora o Santo Padre, o Papa. E então todos os milagres são possíveis: «se tiverdes fé como um grão de mostarda»...

P.^o JOAQUIM MARIA ALONSO C. M. F.

FÁTIMA, Esperança do Mundo (Continuação da pág. 15)

E, aqui vem, para diante da maior multidão do Povo de Deus, celebrar o Santo Sacrifício da Missa e unir as suas preces às nossas, agora mais repassadas de fé e de amor, e alcançar de Maria Santíssima, Mãe de Deus, da Igreja e dos homens, não só a paz do Mundo, como também, a magnífica resposta para as suas amarguras na hora presente.

Veio a Fátima, a este Altar do Mundo, que é a Esperança da Salvação, para nos dar o maior testemunho do culto que devemos prestar a Nossa Senhora, depondo em suas mãos imaculadas ao santo terço, que é para todos nós o melhor símbolo do culto à Mãe de Deus e a maior devoção, tantas vezes por Ela inculcada, para lhe mostrarmos o nosso amor filial e por ele alcançarmos a eterna felicidade!

Veio a Fátima, celebrar as festas jubilares e cinquentenárias, das aparições de Nossa Senhora aos humildes e inocentes pastoresinhos, comprovando com a sua presença que realmente Nossa Senhora apareceu neste lugar sagrado e santificado e aqui vive no meio de nós, para nos lembrar a todas as horas da nossa vida que Ela é nossa Mãe.

E agora, voltando de novo para o Vaticano, leva consigo, «a maravilhosa experiência que lhe mostrou o caminho, para a construção do Mundo melhor, como Ele deseja — oração, humildade, concórdia e boa vontade».

E terminando, consideremos um pouco se este cenário maravilhoso não é e realização da visão de Jacinta, quando dizia à Lúcia: «Vi o Santo Padre diante de uma basílica a chorar e a rezar pela paz, diante de uma grande multidão de gente!»

Que a lembrança deste dia, como diz o Santo Padre Paulo VI, permaneça em nós, para sempre.

F. SILVA BELLO S. J.

FOME NO MUNDO (Continuação da pág. 10)

Naquela visão da Jacinta inocente e pura, Deus indicava à humanidade que basta pedir: *Pai nosso que estais no Céu... O pão nosso de cada dia nos dai hoje*. E, todavia, essa palavra tão fácil que as criancinhas balbuciam logo, *Pai*, torna-se difícil para a humanidade orgulhosa, que julga poder libertar-se da obediência paterna, dos Mandamentos de Deus. Estamos na época do «filho pródigo» da parábola. A humanidade quer emancipar-se e fazer vida à parte, dispondo a seu bel-prazer dos bens imensos recebidos do *Pai*. Não admira que os homens desçam, então, à extrema miséria da condição dos animais imundos. Ora, como na parábola, o pai espera apenas o regresso do filho arrependido, daquela humanidade afastada pelo orgulho e pela libertinagem. Dir-se-ia, porém, que até já foram esquecidos os caminhos que levam à casa paterna. Teremos de ser reconduzidos pela Mãe e esta é Nossa Senhora, que vem até nós. Pelo Coração de Maria será o mundo convertido àquela atitude humilde e confiante do amor filial, que nos permita rezar com verdade *Pai nosso*. Então Deus inundará o mundo na abundância dos seus dons e teremos *Paz*, como a nossa Mãe do Céu prometeu em Fátima. Daí, a necessidade urgente de concretizar a impressionante visão da Jacinta: o Santo Padre em uma igreja diante do Imaculado Coração de Maria a rezar e a multidão dos fiéis a rezar com ele.

Eis que a profecia se cumpriu cinquenta anos depois, aqui mesmo, em Fátima, coração de Portugal. Tanto não supusera então Jacinta, que, para alegria nossa e esperança do mundo, a igreja onde o Santo Padre havia de rezar ao Coração Imaculado de Nossa Senhora fosse na COVA DA IRIA!

MARIA FLOMENA BENITO

Lendas de Portugal

Texto de GENTIL MARQUES

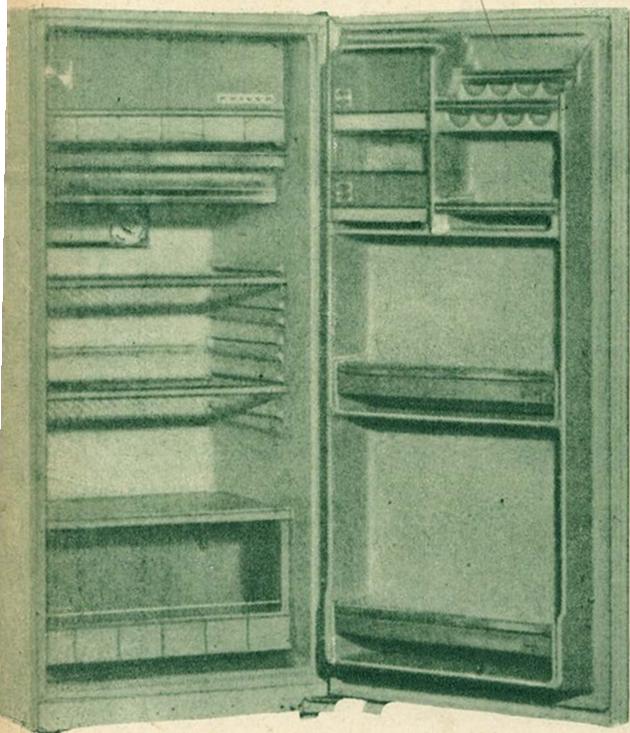
UMA OBRA QUE INTERESSA AO POVO PORTUGUES
Lá encontrará a lenda de sua terra...

UMA NOVA EDIÇÃO DA

EDITORIAL UNIVERSUS

PORTO — PRAÇA DO MUNICIPIO, 287
LISBOA — PRAÇA DA ALEGRIA, 58

PHILCO

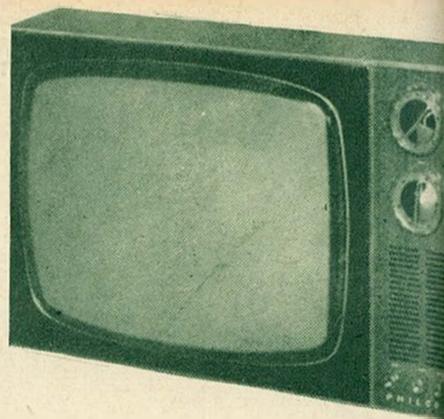


Como milhões de telespectadores no Mundo, torne-se também um telespectador PHILCO

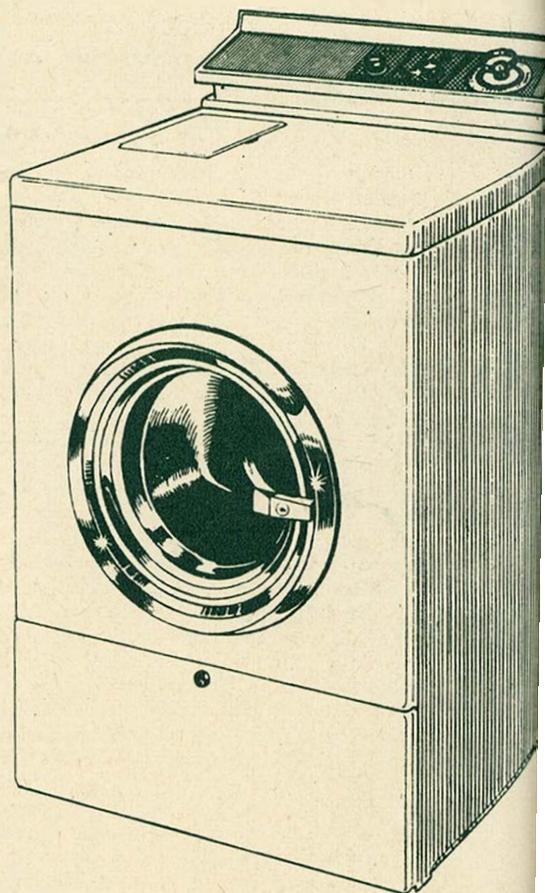
PHILCO-BENDIX apresentam a máquina de lavar roupa modelo E C H O S !

Nova e elegante máquina de alta qualidade e sólida construção, funcionando em dois movimentos alternados, automaticamente.

◆ Congelador de grande capacidade a toda a largura equipado com unidade «Super-Power» PHILCO ◆ Tabuleiro especial para carne ◆ Controle do frio, ajustável ◆ Duas prateleiras removíveis, cromadas ◆ Gaveta para legumes a toda a largura ◆ Comando para descongelação automática ◆ Iluminação interior automática ◆ Porta magnética.



— Modelo 5506 «écran» de 63 cm.
— Modelo 5509 «écran» de 48 cm.



UMA MÁQUINA
DE GRANDE
CATEGORIA
COMPLETAMENTE
AUTOMÁTICA

FACILIDADES
DE
PAGAMENTO

A MÁQUINA MAIS COMPLETA A PREÇO
MAIS BAIXO



REPRESENTANTES GERAIS EM PORTUGAL

ARNALDO TRINDADE & C.A, L.DA

SEDE SOCIAL — PORTO — APARTADO 139